



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

CURSO: LICENCIATURA EM SOCIOLOGIA

Prefiro as redes, nas ruas todo mundo te vê: Trajectórias, práticas e estratégias de estabelecimento e gestão de confiança, adoptadas pelas usuárias de redes sociais para a venda de serviços sexuais em Maputo.

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane

Autora: Márcia Vanessa Jordão Macatane

Supervisor: Msc. Cândido Chume

Maputo, Novembro de 2024



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

Curso: Licenciatura em Sociologia

Prefiro as redes, nas ruas todo mundo te vê: Trajectórias, práticas e estratégias de estabelecimento e gestão de confiança, adoptadas pelas usuárias de redes sociais para a venda de serviços sexuais, em Maputo.

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane.

A Candidata:

Márcia Vanessa. J. Macatane.

O Júri:

O Supervisor

O Presidente

O Oponente

Maputo, aos 26 de Novembro de 2024

Declaração de Honra

Eu, Márcia Vanessa Jordão Macatane, declaro por minha honra que esta monografia nunca foi apresentada de forma parcial ou integral, em nenhuma instituição, para a obtenção de qualquer grau académico. A mesma é fruto da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e nas referências bibliográficas, as fontes usadas para a sua elaboração.

Maputo, aos ____ de _____ de 2024

(Márcia Vanessa Jordão Macatane)

Dedicatória

A presente monografia é dedicada, especialmente, ao meu pai e minha mãe. Vocês são o meu alicerce, sem o vosso investimento, apoio, confiança e carinho não me tornava quem hoje sou. Obrigada pelo suporte, Jordão Macatane e Rosa Isaura.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pela prerrogativa do dom da vida e bênção, até o final do meu percurso acadêmico.

Neste rol de agradecimentos é indispensável destacar o meu supervisor, MSc. Cândido Chume, a quem muito admiro, por tudo que me ensinou, pela atenção, paciência e dedicação concedida não apenas na elaboração desta monografia, como também no decorrer do curso, no qual mostrou afecto e deontologia profissional. Agradeço ainda, a todos docentes que fazem parte do Departamento de Sociologia pelo papel preponderante na minha formação, que com eficiência moldaram-me de saberes para a vida profissional e em sociedade.

O meu afeiçoado agradecimento é direccionado a minha família, aos meus pais pelo carinho, aos meus irmãos, Aylton, Yuran, mana Leontina, a minha tia Julieta, e a minha avó Felizarda, que através das suas reflexões, críticas e exortações despertaram em mim o espírito de estudo, criando bases sólidas que, me permitiram viver o sonho de um dia ser clamada de *Socióloga*.

Endereço os meus agradecimentos aos meus colegas de turma, que fizeram parte caminhada rumo ao grau de licenciatura. Em especial, Boavida Nhantumbo, Helio Matuassa, Lúcio João, Fátima Mabilane, Marilene Issaca, Mercia Agostinho, Lúcia Mula e Olimpio Funganha pelos momentos de confraternização, cumplicidade, companhia e ocasiões peculiares de aprendizagens vividos dentro e fora da Universidade.

As trabalhadoras de sexo que promovem serviços sexuais pelo ciberespaço, vai o meu agradecimento, em especial, as interlocutoras que se mostraram disponíveis e me confiaram informações de sua vida privada, fazendo parte da pesquisa. O meu muito obrigado, sem a vossa colaboração a realização deste trabalho não seria possível.

Por fim, agradeço ao Fernando Machate, Sinésio Nhanombe, Savate Cumba, Massorire João, Herculano Paunde, e Vânia Manhique pelos incentivos, carinho e puxões de orelha durante a materialização da pesquisa, agradeço-vos do âmagô.

Epígrafe

Se a semente da insanidade estivesse presente na minha constituição física, certamente ela teria germinado durante esses meses substituindo como um morto-vivo.

(Napoleon Hill, 2014).

Lista de Siglas, Abreviaturas, e Acrónimos

A.C. Antes de Cristo.

AIDS FOND- Fundação de luta contra o Sida pediátrico

HIV- Vírus da imunodeficiência humana

SIDA- Síndrome da imunodeficiência adquirida

ONG- Organização não-governamental

Pvt- do inglês private que significa privado

Web- Website, sítio electrónico, conjunto de páginas relacionadas acessíveis na internet com base em um endereço.

Resumo

A presente monografia intitulada “Prefiro as Redes, nas Ruas todo Mundo te Vê: Trajectórias, Práticas e Estratégias de Estabelecimento e Gestão de Confiança Adoptadas Pelas Usuárias de Redes Sociais Para a Venda de Serviços Sexuais, em Maputo”, busca captar as trajectórias, práticas e estratégias que as trabalhadoras de sexo que promovem serviços sexuais pelas redes sociais, adoptam, de modo a estabelecer e gerir confiança na construção de relações comerciais com seus clientes. Para análise desta realidade, usou-se a teoria Fenomenológica de Alfred Schutz (1979), articulando conceitos centrais como: o mundo da vida, motivações, experiências, e confiança. A pesquisa é orientada por uma abordagem qualitativa, assente na entrevista semiestruturada; com amostragem por bola de neve, tendo como amostra, quatro trabalhadoras de sexo. Para analisar e interpretar os dados, recorreu-se á análise de conteúdos, e os resultados apontam que, com vista a estabelecer confiança ao construir relações comerciais com seus clientes, as trabalhadoras de sexo empregam estratégias como, o diálogo aberto e realizações de vídeos-chamadas em tempo real. As estratégias adoptadas pelas trabalhadoras de sexo, participantes da pesquisa com vista a estabelecer e gerir confiança com seus clientes, são moldadas pelas experiências quotidianas por elas vivenciadas em redes sociais, que lhes permitem, prever comportamentos de seus clientes e captar a importância da confiança na construção de relações comerciais no ciberespaço.

Palavras-Chave: venda de serviços sexuais em redes sociais, mundo da vida, trajectórias, experiências, confiança

Abstract

The monograph entitled "I prefer the networks, in the streets everyone sees you: trajectories, practices and strategies for establishing and managing trust adopted by female users of social networks for the sale of sexual services in Maputo" seeks to capture the trajectories, practices and strategies that sex workers who promote sexual services through social networks adopt in order to establish and manage trust in building commercial relationships with their clients. To analyze this reality, Alfred Schutz's Phenomenological theory (1979) was used, articulating central concepts such as: the world of life, motivations, experiences, and trust. The research is guided by a qualitative approach, based on semi-structured interviews; with snowball sampling, with four sex workers as a sample. To analyze and interpret the data, content analysis was used, and the results indicate that, in order to establish trust when building commercial relationships with their clients, sex workers employ strategies such as open dialogue and making videos- real-time calls. The strategies adopted by sex workers to establish and manage trust with their clients are shaped by the daily experiences lived by participants in social networks, which allow them to predict behaviors and capture the importance of trust in building commercial relationships in cyberspace.

Keywords: sale of sexual services on social networks, world of life, trajectories, trust, experience

Índice

Declaração de Honra.....	iii
Dedicatória.....	iv
Agradecimentos	v
Epígrafe	vi
Lista de Siglas, Abreviaturas, e Acrónimos	vii
Resumo	viii
Abstract.....	ix
Índice	1
CAPÍTULO I: DA REVISÃO DA LITERATURA A PROBLEMÁTICA	5
1.1. Evolução histórica da prostituição	5
1.2. O contexto da sociedade Moçambicana	8
1.3. Prostituição e o Ciberespaço	10
1.3.1. Prostituição no ciberespaço como forma de preservação da identidade dos actores sociais envolvidos.....	10
1.3.2. Prostituição no ciberespaço como forma da Indústria capitalista expandir o seu mercado	13
1.4. Problema de pesquisa.....	17
CAPÍTULO II: ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL	20
2.1. Construção do quadro teórico	20
2.2. Definição de conceitos	21
2.2.1. Mundo da Vida	21
2.2.2. Motivações.....	22
2.2.3. Trajectórias	22
2.2.4. Relacionamento comercial	23
2.2.5. Confiança	24
2.2.6. Prostituição	25
2.2.7. Redes sociais.....	25
CAPÍTULO III: METODOLOGIA	27
3.1. Método de abordagem.....	27
3.2. Método de procedimento.....	27
3.3. Técnica de recolha de dados.....	27
3.4. Técnicas de análise e interpretação de dados	28
3. 5. População e amostra.....	28
3. 6. Critérios de exclusão e inclusão	30

3.7. Questões Éticas	30
3.8. Constrangimentos e formas de superação	31
3.9. Limitações.....	32
CAPÍTULO IV: APRESENTAÇÃO DISCUSSÃO E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS	33
4.1. Sobre o perfil Sociodemográfico das trabalhadoras de sexo	33
4.2. Traçando um breve perfil dos clientes.....	35
4.3.Trajectórias e motivações da entrada para a venda de serviços sexuais em redes sociais	37
4.4. O mundo da vida das trabalhadoras de sexo em redes sociais: das práticas quotidianas a gestão da identidade	41
4.5. Práticas quotidianas nas telas do Facebook e Whatsapp.....	42
4.6. A relação comercial com seus clientes: Das modalidades de pagamento ao local de realização do programa	46
4.7. Percepções e Significados em torno do uso de redes sociais para a promoção de serviços sexuais	49
4.8. Gestão da identidade das trabalhadoras de sexo: A prostituição virtual encoberta em actividades comumente aceites	52
4.9. Sobre as estratégias de estabelecimento e gestão da confiança alicerçadas as experiências vividas e vivenciadas.	53
4.9.1. Estratégias empregues pelas trabalhadoras de sexo para conquistarem a confiança de seus clientes	53
4.9.2. As estratégias de gestão da confiabilidade dos clientes e a adopção de mecanismos de segurança	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61
Apêndices	67
1.Termo de consentimento informado.....	67
3. Guião de entrevista	68

Introdução

A prostituição é um fenómeno complexo existente em toda e qualquer sociedade, cujos factores, estão alicerçados a diversas questões de natureza económica, política, social e estrutural, envolvendo categorias como desejos e corpo. De acordo com Lourenzi (2019), “esta actividade é historicamente conotada como uma das “profissões” mais antigas do mundo, constituindo, deste modo, um fenómeno que vem suscitando debates e discussões ao longo da evolução das sociedades humanas”.

Ainda que o trabalho de sexo seja uma actividade existente desde tempos remotos, ao longo dos anos a mesma tem sofrido várias mutações, e vem se reconfigurando. Toscanini (2018), ilustra que “os profissionais de sexo exerciam suas actividades em espaços públicos (físicos), como ruas e casas nocturnas, obtendo seus clientes por esta via. Entretanto, como consequência do desenvolvimento tecnológico e do surgimento dos midias digitais, que revolucionaram diversos ramos das actividades humanas - desde a interacção, á realização de transacções - Os espaços físicos, deixaram de ser o principal meio para realizar o trabalho de sexo”. Importando salientar que, nos dias que correm, os trabalhadores de sexo dispõem da possibilidade de promover seu trabalho através da internet, ultrapassando barreiras espaço temporais, facilitando a sua vida, e a dos seus clientes.

Os estudos em torno do uso de redes sociais para tramitar serviços de sexo, defendem que, a possibilidade de manter a identidade dos profissionais de sexo em anonimato e aparente segurança que o ciberespaço propicia a seus usuários, vem conduzindo a uma proliferação do uso de redes sociais, para a promoção e venda de serviços sexuais em várias sociedades. Entretanto, em conformidade com Costa (2015), “as redes sociais representam um espaço instável, em que os indivíduos têm a possibilidade de manipular, criar e recriar sua imagem”, não se tendo, assim, a certeza da identidade e intencionalidade de com quem se interage, o que acarreta desconfiança. Deste modo, em conformidade com a visão deste autor, diante da volatilidade do ciberespaço, apraz-nos aprofundar as estratégias que as trabalhadoras de sexo adoptam de modo a estabelecer confiança com seus clientes; partindo do pressuposto de que a confiança é um elemento fundamental á interacção.

Interessa-nos assim, captar a dinâmica da prostituição que é feita com recurso as redes sociais *facebook* e *whatsapp*, por termos constatado, que os estudos sobre o trabalho de sexo no ciberespaço, têm dado mais enfâse a ocorrência deste fenómeno em *sites* de encontro, e plataformas de promoção de serviços sexuais como o *capitalsexy*, *grindr* e o *Tinder*. Notamos

ainda, uma fraca abordagem deste fenómeno no contexto moçambicano, onde se deixa transparecer que o trabalho de sexo, em Moçambique, ainda não é feito através de redes sociais.

Neste contexto, a presente pesquisa, explora as dinâmicas da prostituição feita por meio de redes sociais, em Moçambique, concretamente, nas cidades de Maputo e Matola, buscando compreender as estratégias adoptadas pelas jovens que usam essas redes sociais, de modo a estabelecer e gerir confiança com seus potenciais clientes. Para tal, o estudo teve como objectivo geral, o de compreender as trajectórias, práticas e as estratégias de estabelecimento e gestão de confiança adoptadas pelas trabalhadoras de sexo na construção de relações comerciais com os seus potenciais clientes. Para o alcance deste objectivo geral, definimos os seguintes objectivos específicos: Apresentar o perfil sociodemográfico dos actores envolvidos na transacção de serviços sexuais pelas redes sociais; Descrever a trajectória e motivações do uso de redes sociais para promover e realizar o trabalho de sexo; Identificar as estratégias que as trabalhadoras de sexo adoptam para estabelecer confiança, na construção de relações comerciais com os potenciais clientes.

Este estudo abarcou, especificamente, mulheres com idades compreendidas entre os 20 aos 24 anos de idade, que promovem serviços de sexo e angariam clientes por meio do ciberespaço. Procuramos compreender, como o fenómeno se desvela na realidade moçambicana, contribuindo para a ampliação do saber dos estudos sociológicos do género e sexualidade, em que a pesquisa nos permite captar as dinâmicas do trabalho de sexo em Moçambique; e dos estudos da sociologia do quotidiano, captando as experiências das trabalhadoras de sexo, e as configurações quotidianas do trabalho de sexo no ciberespaço.

Teoricamente, a pesquisa foi orientada pela fenomenologia de Alfred Schutz (1979), que busca compreender a realidade quotidiana tal como esta se apresenta á visão dos sujeitos, com recurso as significações que estes atribuem as suas acções, suas experiências e vivências. Por meio desta teoria foi possível captar o mundo da vida das trabalhadoras de sexo, as motivações do uso das redes sociais para a venda de serviços sexuais, suas experiências e práticas quotidianas.

Recorremos a uma metodologia qualitativa, assente em entrevistas semiestruturadas, como técnica de colecta de dados. Este tipo de metodologia permitiu apreender aspectos ligados ao fenómeno, partindo das perspectivas dos próprios actores sociais. O emprego deste método,

permitiu-nos, perceber a multiplicidade de factores ligados ao fenómeno, abordando de forma profunda, as variáveis explicativas ligadas ao problema de investigação.

Apreendemos assim, as trajectórias e experiências das trabalhadoras de sexo no ciberespaço, a partir da visão das próprias, percebendo as dinâmicas que caracterizam a sua actividade. A nossa amostra foi obtida com recurso a amostragem por bola de neve, onde após identificada a primeira participante, foi possível ter acesso as restantes. Assim, fizeram parte da pesquisa, quatro trabalhadoras de sexo, que promovem seus serviços por intermédio das redes sociais nas cidades de Maputo e Matola.

Guiamo-nos pela observância de princípios éticos, em todas as etapas da pesquisa, sendo fieis aos pensamentos dos autores dos materiais consultados, referenciando-os devidamente. No âmbito do trabalho empírico, garantimos o consentimento informado das participantes da pesquisa, tendo administrado um termo de consentimento informado oral e escrito (enviado em formato electrónico). Prosseguimos, ainda, com o emprego de nomes fictícios com vista a não expor a identidade das participantes da pesquisa.

Constatamos na pesquisa, que experiências sexuais vivenciadas pelas participantes, em sua vida passada, influenciaram na sua entrada para o trabalho de sexo em redes sociais, buscando por meio da actividade, satisfazer o libido e superar necessidades económicas. A preferência pelo uso de redes sociais para a promoção de serviços de sexo, deve-se ao facto destas redes as manterem longe da exposição pública.

Captamos ainda, que as estratégias que as participantes da pesquisa adoptam de modo a estabelecer e gerir confiança, na tramitação de serviços sexuais com seus clientes, são fundamentadas em experiências quotidianas e estoques de conhecimentos adquiridos no seu quotidiano em redes sociais. Deste modo, para atrair a confiança de seus clientes, e eliminar incertezas que circundam a interacção por meio de redes sociais, as trabalhadoras de sexo recorrem a autopromoção de sua imagem, diálogo aberto, e realização de vídeo chamadas em tempo real.

No decurso da pesquisa, deparamo-nos com algumas limitações, sobretudo no âmbito do trabalho de campo, onde tivemos dificuldades em convencer o grupo alvo a participar da pesquisa, o que acabou influenciando o tamanho da amostra. Entretanto, apesar desses entraves, acreditamos ter alcançado os objectivos da pesquisa, abrindo horizontes para a realização de estudos futuros em torno do fenómeno.

No que concerne a estrutura, a monografia subdivide-se em quatro capítulos. No primeiro, apresentamos a revisão da literatura que culmina com a formulação da problemática desta pesquisa; no segundo, apresentamos o enquadramento teórico e conceptual que orienta a análise e interpretação dos dados; no terceiro, apresentamos os procedimentos metodológicos, as respectivas técnicas de amostragem, de colecta e interpretação de dados, e os princípios éticos observados; no quarto, tratamos da análise e discussão dos dados colhidos no campo, á luz da revisão da literatura e do quadro teórico e conceptual; sem constituir capítulos, seguimos, apresentando as considerações finais que constituem as principais constatações da nossa pesquisa; apresentamos ainda, as referências bibliográficas; e terminamos apresentando os apêndices.

CAPÍTULO I: DA REVISÃO DA LITERATURA A PROBLEMÁTICA

Neste capítulo, são apresentadas as perspectivas que levantam o debate sobre a prostituição no ciberespaço. Para o efeito, iniciamos com uma breve contextualização da evolução da prostituição no mundo, passando pelo surgimento desta prática e suas dinâmicas em Moçambique, até, à discussão sobre a prostituição em redes sociais, que constitui o nosso objecto de análise. Este exercício culmina com a formulação do nosso problema de pesquisa.

1.1. Evolução histórica da prostituição

Nesta secção, apresentamos uma breve contextualização da emergência e evolução da prostituição em diversos contextos, argumentando, que ela resulta de construções sociais, de tal maneira que, a visão das sociedades em torno da mesma foi alterando com o decorrer do tempo. A literatura ilustra, em estudos como os de Pereira (2012), que as prostitutas nem sempre foram estigmatizadas e já ocuparam um lugar de relevo e destaque nas grandes civilizações antigas, onde eram admiradas e associadas a deusas.

Perreira (2020), avança que há cerca de 2000 anos antes de cristo (a.C.), a prostituição era tida como uma prática sagrada. As sacerdotisas que trabalhavam em templos eram associadas a Deusa Protectora, acreditando-se que por meio delas os homens consolidavam seu poder. Os reis mantinham o ritual sexual religioso com as sacerdotisas sagradas, como forma de buscar bênção para legitimar seu poder, e adquirir admiração e respeito por parte do povo. As sacerdotisas foram, portanto, as primeiras mulheres prostitutas e possuíam um *status* elevado.

Na mesma ordem de ideias, Pereira (2020), indica que “havia, na idade média, duas categorias de mulheres na prostituição: as mulheres da elite, que trabalhavam a partir de templos; e da classe baixa, que trabalhavam a partir das ruas”. Nessa época as mulheres tinham um lugar social bem definido, podiam controlar a sua sexualidade e detinham controlo de si mesmas. Entretanto, à medida que os homens tornaram-se conscientes de que não obtinham total poder por se relacionar sexualmente com essas trabalhadoras de sexo, desenvolveu-se as sociedades patrilineares, e a liberdade sexual que as mulheres detinham foi anulada, colocando-as em uma posição de subalternidade.

Na sequência, Castro (2020) indica que, como forma de sedimentar o exercício da prostituição, surgiu na sociedade grega e na antiga suméria, uma distinção entre as prostitutas e as mulheres donas de casa, assente no padrão da indumentária. Nesta ordem de ideias, Sousa (2003), indica que, a classe social, era um factor determinante na escolha das

vestimentas, as mulheres donas de casa, se vestiam com roupas delicadas, vestidos longos, que chegavam a cobrir braços e decotes. Ao passo que, as trabalhadoras de sexo, se vestiam com trajes chamativos e reveladores, saias curtas e blusas justas.

Ainda de acordo com Castro (2020), a distinção entre estas duas categorias de mulheres, foi crescendo na idade média, á medida em que as religiões cristãs e islâmicas desempenharam um papel de destaque na vida social. A religião considerava a prostituição, uma actividade que se opunha aos ideais patriarcais e á procriação, passando, as prostitutas, a ser oprimidas por comprometer a instituição família.

Pereira (2020), ilustra ainda, que na sociedade patriarcal grega, as mulheres não podiam fazer-se a rua sem que estivessem acompanhadas por um de seus responsáveis, pai, irmão ou esposo. Estas não tinham domínio da esfera pública, e se fossem encontradas sozinhas, eram tomadas como prostitutas, podendo sofrer graves sanções. Esta lei colocava em desvantagem as mulheres que não dispunham de alguém que zelasse por elas, pois, sem muita escolha, estas deviam fazer-se as ruas com vista a satisfazer suas necessidades básicas. Contudo, elas acabavam sendo rotuladas como prostitutas, levando-as algumas vezes, a entrar na prostituição, uma vez já carregando o rótulo.

Azevedo (2020), apresenta uma série de transformações e repressões pelas quais a prostituição passou, enquanto se tentava erradicar a prática. Porém, por várias razões, a prática continuava a ser exercida, de tal maneira, que em Roma e Atenas a actividade passou a ser legítima, bastando que as prostitutas se registassem para o exercício da actividade. O governo ateniense começou a controlar a actividade, e todas as prostitutas assim como casas de prostituição deviam ser registadas para efeitos de cobrança de tarifas. O valor cobrado era subdividido entre as prostitutas, os donos das casas, e o Estado.

Entretanto, Azevedo (2020), salienta que, para o caso da sociedade romana, o Estado não controlava os lucros gerados pelas prostitutas, e a actividade, estava apenas voltada para a elite. Em Roma s líderes viviam em ambientes festeiros, existindo assim, prostíbulos dentro dos palácios, onde as trabalhadoras de sexo exerciam suas actividades. O autor ressalta ainda, que já na idade moderna, o factor procriação ditou a perseguição á prostituição. Em um ambiente em que se vivenciava a crise demográfica causada pela peste negra, acresceu a necessidade de se repovoar a população. Isso exigia o não controlo da fertilidade e natalidade. Assim, os abortos começam a ser vistos como crime, fazendo com que o sexo não procriador fosse condenado e as prostitutas diabolizadas.

No entanto Ceccarelli (2008) *apud* Capaina (2023), indica que ainda nesta fase, apesar do exercício da prostituição ser proibido, a revolução industrial se fez imprescindível para que o trabalho de sexo não fosse erradicado, pois, as mulheres enfrentavam condições desiguais no trabalho em relação aos homens, chegando a receber menos que estes. Neste contexto, prostituir-se em troca de melhores condições de vida, surgiu como uma alternativa para sanar os problemas das mulheres. De uma forma conjunta, estes factores, ditavam a relutância das trabalhadoras de sexo em permanecer e continuar com a prática da prostituição.

Já nos meados do século XX, assistiu-se a emergência de organizações de prostitutas que reivindicavam seus direitos, e o reconhecimento da prostituição enquanto uma profissão digna e cercada de direitos e deveres, como outra qualquer (Teixeira Rodrigues, 2009 *apud* Lucena, 2015). As trabalhadoras de sexo lutam para refazer a imagem negativa que se tem delas, sua crescente luta, fez com que vários países como a França, Holanda, Alemanha e outros, legalizassem o trabalho de sexo e estabelecessem regras com vista a permanência da actividade (fenómeno que pode ser observado até os dias de hoje). De acordo com Lucena (2015), estes países, entendem que a legalização torna possível observar os direitos trabalhistas, assim como quebrar a segregação e o preconceito em volta da actividade. Entretanto, existem ainda, países em que esta prática não é reconhecida, e nem regulamentada como uma actividade ou profissão, tal como as outras já socialmente reconhecidas.

Actualmente, a prostituição tem passado por vários arranjos e reconfigurações, vivenciando-se uma extensão da actividade das ruas às redes sociais. Soares (2022), defende que, assim como diversas áreas das actividades humanas, as ferramentas tecnológicas revolucionaram o trabalho de sexo. Castells (1999) *apud* Lourenzi (2019), indica que foi lançado, por volta de 1980, na França, um serviço de videotexto *online* em que era possível estabelecer conversas em *chats* similares aos actuais. Nesses *chats*, já era possível estabelecer conversas relacionadas ao sexo e venda de sexo, surgindo como alternativa para pessoas que temiam riscos de agressão, ou doenças, expressarem sua sexualidade. A ferramenta fornecia fantasias sexuais mesmo que não houvesse presença física.

De acordo com, Toscani (2018, p. 44), “no início da década 2000, o mercado da prostituição no espaço digital foi se desenvolvendo ainda mais, tornando-se possível o exercício da actividade através dos fóruns virtuais, e *blogs* de prostituição que se tornaram cartão-de-visita para os clientes e uma ferramenta para regular o programa de sexo”. Os modelos de prestação de serviços sexuais por meio digital são apresentados de maneira variada, o que pode ter

favorecido a divulgação dos serviços de garotos/as de programa pela internet. Soares (2022), advoga um forte crescimento de plataformas destinadas ao conteúdo sexual, como é o caso da *onlyfans*, *câmara privê*, e redes sociais como o *faceboock*¹, *whatsapp* e *tinder* que levam indivíduos a promover e a buscar por serviços sexuais por meio delas.

Depois desta breve contextualização do objecto da nossa análise, mostramos, a seguir, o que a literatura defende sobre a emergência e as dinâmicas de prostituição no contexto moçambicano.

1.2. O contexto da sociedade Moçambicana

Nesta secção, analisamos o trabalho de sexo em Moçambique, sustentando que apesar deste trabalho não ser oficialmente criminalizado, é problematizado e desencorajado. A lei penaliza a agressão a decência pública, como, ter sexo em espaços públicos e vestir-se indecentemente. Por exemplo, o relatório da Aids Fond (2016), ilustra que o artigo 225 do código penal de 2014, incentiva a interpretação conservada do comportamento dos trabalhadores de sexo, considerando ultraje público ao pudor, um atentado contra a decência e a moral.

De acordo com Muianga (2009), “em Moçambique, os registos da prostituição tiveram seu início no período colonial com o movimento de homens de diferentes origens geográficas, religiosas e sociais, que imigravam por meio de navios em busca de melhores condições económicas e de vida, como consequência da descoberta das minas de ouro da África do Sul, a construção da linha férrea para Transval e os diamantes de Kimberly”. Neste contexto, em uma época em que as mulheres de raça branca escasseavam, a busca por elas originou a exploração do mercado sexual. Os bares serviam de cobertura para a negociação do amor carnal, pois, tornaram-se locais imprescindíveis para a realização de trabalho de sexo. Nos bares havia álcool e mulheres que ofereciam serviços sexuais.

A antiga Rua de Araújo, era vista como o local ideal para o estabelecimento do comércio de sexo, já que esta rua, estende-se ao longo do porto e possui inúmeros bares, cafés e mulheres trabalhadoras de sexo que se fazem a estes locais. Isto convidava os homens que chegavam por meio dos navios, a se aventurar no amor e no álcool. Estes locais eram frequentados, predominantemente, por mulheres de naturalidade europeia, que se exibiam em vestes transparentes e vendiam-se em leilões nos bares, (Muianga, 2009, p.12).

¹ Facebook é uma rede social que permite o compartilhamento de fotos, vídeo, texto e áudio. “Facebook” é um termo em inglês, formado por “face”, que significa “face”, e por “book”, que significa “livro”. Então teríamos algo como “livro de face”.

Nessa senda, Muchanga (2022), mostra que a prostituição, em Moçambique, remota desde o período colonial, no contexto de exploração de escravos. O autor subdivide assim, a prostituição na sociedade moçambicana em três fases: a primeira fase compreende o período colonial, a segunda, compreende o período pós-colonial e a terceira fase, inicia no ano de 1992, a quando da adopção do regime democrático, e se estende até a actualidade. A primeira fase é marcada pela segregação racial, onde a prática da prostituição era feita por mulheres brancas e clientes brancos.

Ademais, a segunda fase foi marcada por uma política de estado socialista que proibia o trabalho sexual. Nesta fase as trabalhadoras de sexo sofriam perseguição por serem consideradas desviantes, deste modo, quando fossem encontradas no exercício do trabalho sexual eram enviadas para o campo onde exerceriam actividades agrícolas e passavam por um processo de ressocialização.

A última fase inicia no ano de 1992, fase em que adoptou-se algumas práticas que defendem os direitos humanos, colocando fim as penas de morte, defendendo, o direito de livre expressão. Nesta fase foram implantadas várias ONG's que defendiam os direitos sexuais dos indivíduos. "Coincidentemente, é neste período em que a prostituição começou a se difundir e ganhar visibilidade em Moçambique. Porém, como no mesmo período os índices de infecção pelo HIV aumentaram significativamente, a sociedade e estudiosos, associaram a prostituição à prevalência de HIV, levando o interesse de pesquisadores e ONG'S em estudar a prostituição em Moçambique" (Muchanga, 2022, p. 55).

Actualmente, verifica-se, a realização de vários estudos sobre a prostituição em Moçambique, onde os autores centram as suas análises da prostituição à espaços públicos como as ruas. Aqui a interacção cara-a-cara constitui um elemento essencial para a realização da actividade, e a atenção é voltada a espaços onde há afluência de prostitutas, como é o caso da rua de Bagamoio, avenida do Zimbabwe, Baixa da cidade de Maputo, entre outros espaços públicos apresentados em estudos como os de, (Pérez, 2019; Maguesse, 2020; Muchanga, 2022). Estes estudos, debruçam-se das estratégias empregues pelas trabalhadoras de sexo de rua, para fazer face aos riscos que advém do exercício da profissão; suas experiências e vivências, bem como as percepções em relação ao trabalho de sexo, ignorando outras formas de prostituição como a que tem o ciberespaço enquanto palco de actuação.

1.3. Prostituição e o Ciberespaço

Nesta etapa, apresentamos, especificamente, o debate existente sobre a prostituição realizada a partir do ciberespaço, que é o enfoque da pesquisa. Esses debates apontam, para a subdivisão deste fenómeno em duas perspectivas: uma que considera a prostituição no ciberespaço como um mecanismo de preservação da identidade dos actores sociais envolvidos; e a outra que considera a prostituição no ciberespaço, como mecanismo de exploração da indústria capitalista erótica que visa expandir seu mercado por meio das mídias digitais.

1.3.1. Prostituição no ciberespaço como forma de preservação da identidade dos actores sociais envolvidos

Nesta perspectiva, olha-se a prostituição no ciberespaço, como uma maneira dos actores sociais envolvidos ocultarem a sua identidade, visando contornar o estigma social que se tem em torno do trabalho sexual. As redes sociais, dispõem da possibilidade de não mostrar e tornar pública qualquer característica, adereço e imagem que possa permitir que os trabalhadores de sexo sejam reconhecidos, ou identificados por indivíduos que não estejam envolvidos na actividade. Destacam-se os estudos de Lourenzi (2019), Jesus (2021) e Vieira (2022).

Lourenzi (2019), focaliza, em seu estudo, as características da prostituição no ciberespaço e as estratégias de abordagem usadas por garotos de programa, para atrair clientes em redes sociais. Este argumenta que, durante a exposição do trabalho sexual na internet, não existe uma padronização das informações colocadas nos perfis das redes sociais e *sites* de prostituição por parte dos garotos de programa. Mas, regra geral, predomina o uso de fotos eróticas expondo os atributos físicos (bunda, peito, e outras partes íntimas) para chamar a atenção do cliente.

Para além dos atributos físicos destacados pela autora, como forma de ganhar mais visibilidade, muitos dos trabalhadores de sexo recorrem ao uso de adjectivos chamativos como, “morena quente”, “fogosa”, “Gigante”, deixando seus perfis mais atractivos, apesar de ainda assim, alguns trabalhadores de sexo optarem pelo uso de nomes comuns.

De acordo com Lourenzi (2019) a internet propicia á prostituição, mais um meio para a sua prática, sem prejudicar os demais meios já existentes. Entretanto, a prostituição virtual conta com um público específico com maior poder aquisitivo, e traz as prostitutas mais segurança e

privacidade, e, até a impressão de estarem menos expostas. Alguns dos *sites* recorridos para a publicitação do trabalho de sexo, são de acordo com a pesquisadora, mais abertos em relação a outros, onde é possível conhecer mais o perfil dos garotos de programa, elementos estes que podem também ser conhecidos após o diálogo.

Lourenzi (2019), considera o público-alvo envolvido na prostituição feita a partir do ciberespaço, enquanto um grupo com maior poder aquisitivo. Este ponto, suscita uma indagação, pois, não se verificando no estudo a apresentação do perfil dos potenciais clientes das trabalhadoras de sexo. Observa-se que a pesquisadora, apenas argumenta que nas redes sociais, as trabalhadoras de sexo cobram um valor um pouco superior as prostitutas de pistas. Nesta senda, acreditamos que o perfil (status) dos clientes que buscam serviços sexuais pelas redes sociais é algo ainda por se explorar minuciosamente.

Por sua vez, Jesus (2021), parte do princípio de que a prostituição em redes sociais, contribui para a adoção de novas estratégias e formas de negócio sexual. Para o pesquisador, o mundo virtual é um espaço livre de actuação e surge como o meio ideal para garantir o anonimato, ou seja, a preservação da identidade, em detrimento da prostituição de rua que obriga os garotos de programa a posicionarem-se em espaços públicos, se expondo.

Ainda de acordo com Jesus (2021), os serviços de Internet substituem a clássica prostituição de rua e de casas como o único local de possibilidade para actividade. Através das novas tecnologias categorias como corpo, desejo, performance começam a ganhar visibilidade e forma, tornando-se partes constituintes de novas configurações. Aqui, o factor económico deixa de constituir o principal motor desta prática, pois, na óptica do pesquisador, factores como independência pessoal e emancipação sexual, também levam garotos de programa a engrenar na prostituição.

Nesta actividade, conforme ilustra Jesus (2021), os garotos de programa que fazem parte da pesquisa do autor, possuem um perfil na plataforma (neste caso o vivalocal, ou garotocomlocal), normalmente acompanhados por uma foto, que conta com uma descrição completa de seus serviços. Por meio desta plataforma o cliente contacta o garoto. Ainda de acordo com Jesus (2021), contrariamente as ruas em que o face a face é condição primordial para a execução da actividade, em plataformas digitais a exibição exacerbada de atributos sexuais constitui um elemento importante, e serve como cartão-de-visita para atrair o cliente. Ainda na visão do autor, em plataformas digitais, o garoto está livre do estigma, de perigos,

assim como das ameaças que esta profissão acarreta, uma vez que em redes sociais o encontro entre as partes é feito depois de acordo pré-estabelecido a uma interacção prévia.

Constatamos que em suas abordagens, Jesus (2021), e demais autores que compreendem a nossa revisão da literatura, indicam que no ciberespaço os trabalhadores de sexo estão, aparentemente “seguros”, livres de perigos e ameaças que muitas das vezes, surgem realizando o trabalho de sexo a partir das ruas. No entanto, percebemos que ainda que a trabalhadora de sexo tenha acesso prévio a informações a respeito de seu cliente e vice-versa, faz-se necessário compreender até que ponto estes estão seguros, pois, nas redes sociais os actores envolvidos podem ser reféns de crimes cibernéticos, e mais. Assim como nunca se sabe das reais intenções dos indivíduos, nem como estes podem agir numa situação de co-presença física, caso seja agendado um encontro.

Vieira (2022), nota assim como os demais autores, que a prostituição é uma actividade que acarreta certo grau de estigma por parte da sociedade, ainda mais tratando-se de homens que se envolvem não só com mulheres, mas também com homossexuais. Entretanto, ilustra que no *Grindr* (plataforma por este analisada), os garotos de programa estão livres do estigma, o que leva-os a recorrer ao aplicativo para promover seu trabalho.

Vieira (2022), defende que a prostituição virtual surge como uma actividade relativamente recente, utilizada pelos prostitutos independentemente do horário e local do encontro, portanto, basta que o individuo se conecte a internet para anunciar suas práticas sexuais negociar os valores e agendar o local de encontro. Observamos que Vieira (2022), assim como Lourenzi (2019) fazem menção ao termo “prostituição virtual” para referir-se a publicitação, tramitação e oferta de serviços sexuais por meio das redes sociais, entretanto, estes ilustram que estas redes servem para agendar actividades sexuais que muitas das vezes envolvem a co-presença física não culminando no espaço virtual.

Deste modo, apesar do espaço virtual constituir uma possibilidade para o trabalho de sexo, para os estudos de Vieira e Lourenzi, consideramos o termo “prostituição virtual ” reducionista. Pois, analisando o que é descrito pelos autores, percebemos que as redes sociais, se aproximam mais de uma montra em que o trabalho de sexo é lá exposto, mas as actividades promovidas não se restringem exclusivamente ao espaço virtual, acto sexual é geralmente feito numa situação de co-presença física.

A plataforma *Grindr* que serve como objecto de análise para o estudo de Vieira (2022), é de acordo com o mesmo um aplicativo com políticas que permitem ao garoto de programa

publicitar seu trabalho por meio do perfil e *stories*, expondo fotos esbeltas e descamisadas, exibindo sua postura física (barriga sarada), sua jovialidade, virilidade, o tamanho de seus atributos sexuais, assim como sua condição de saúde, sobretudo, em relação ao HIV.

Vieira (2022), destaca o exibicionismo de atributos físicos, como estratégia empregue pelos trabalhadores de sexo para atrair clientes. Entretanto, do ponto de vista das motivações por detrás do exercício da actividade, contrariamente a Jesus (2021), que considera que categorias como o desejo, levam os actores sociais a promover serviços sexuais pelas redes sociais, e o factor económico se encontra em segundo plano, Vieira ilustra que os garotos de programa do cenário nordestino recorrem a prostituição por razões meramente económicas.

Devido às condições desfavorecidas nas quais a população nordestina vive, os garotos de programa vêm no trabalho de sexo, uma fonte de obtenção de renda. Constatamos assim, com a primeira perspectiva, que o factor que motiva o uso de redes sociais e plataformas digitais para promover serviços de sexo, oscila entre a satisfação de necessidades económicas e satisfação da libido. Os autores desta perspectiva consideram a prostituição mediada por meio do ciberespaço, uma forma de preservar a imagem dos actores envolvidos, e ultrapassar barreiras espaço-temporais, pois as partes interessadas podem interagir e negociar serviços sexuais sem estar presentes fisicamente.

1.3.2. Prostituição no ciberespaço como forma da Indústria capitalista expandir o seu mercado

Esta perspectiva compreende os estudos de Costa (2015), Toscanini (2018), Soares (2022), e Madeiros (2023), que defendem, que a prostituição em redes sociais, não é apenas uma nova modalidade do trabalho sexual, mas sim um mecanismo de exploração da indústria erótica. As infra-estruturas do ciberespaço, servem como meio para expandir a indústria capitalista erótica que se beneficia da expropriação do trabalho sexual, exigindo dos trabalhadores de sexo a produção constante de conteúdos eróticos, os incrustando a uma cultura consumista.

Costa (2015), analisa a promoção de serviços sexuais por meio da plataforma *facebook*. O autor constata que, “a maioria das jovens tem perfis no *facebook*, o que lhes permite a divulgação de serviços na vida quotidiana e expressar seus sentimentos. Para o autor, apesar da existência de inúmeras redes sociais, o *facebook*, conta com maior popularidade e maior número de usuários”, todavia, esta rede tem alterado o comportamento e a vida social dos

indivíduos, incluindo a vida sexual, por meio da espetacularização da sexualidade e cultuação do corpo definido pela cultura de massas.

Ainda de acordo com Costa (2015), “o *facebook* contém comunidades virtuais em que indivíduos com interesses em comum, conectam-se, e mantêm conversas eróticas. Esta rede conta com um aplicativo que incentiva seus usuários a fazerem sexo com seus amigos, “*Baing sex with your friends*”, e leva pessoas com interesses em comum a manter relações”. Na visão do autor, há um elo entre o virtual e o real, em que atitudes e comportamentos sociais dos indivíduos, podem ser expostos no plano virtual. Deste modo, a exposição da sexualidade na rede social, pode servir, como uma forma de expor a vida quotidiana dos actores envolvidos. Entretanto, Hall (2006, apud Costa 2015), ilustra que nesta rede, o comportamento pode não ser constante, onde, as usuárias têm a possibilidade de recriar, manipular e apagar sua exposição sexual, quando bem entenderem, não se tendo por isso, a certeza de com quem se interage.

Nas redes sociais, predomina o narcisismo, o cultivo de beleza, e exaltação da estética física voltada para a atracção com maior destaque para os homens. A espetacularização da sexualidade nas redes sociais é para Costa (2015), uma mercadoria promovida pela indústria erótica para expandir e vender seus produtos, levando as jovens, a acreditar que se expondo, adquirem uma repercussão social e expandem seus serviços e imagem.

Toscanini (2018) tece sua análise a partir dos *sites socinquenta*², e *capitalsexy*³, em Ponta Grossa (Brasil), cidade na qual se tem a internet como principal meio para a prostituição. De acordo com o autor, estes *sites* são patrocinados por empresas e hotéis sem restrições de conteúdos, que vem incentivando a actividade sexual e embutindo seus usuários ao consumismo. Os usuários destes sites, investem constantemente em sua auto-imagem, recorrem a fotos picantes, e poses com conotação sexual, para atrair atenção do cliente e envolve-lo. Ao lado das imagens são predominantemente colocadas descrições com os atributos físicos dos garotos de programa, como medidas do *bumbum*, seios, assim como a disponibilidade de horários, locais a se realizar o programa, e o contacto para atendimento, já que o acto é firmado telefonicamente.

Em conformidade com Toscanini (2018), “nestes fóruns há maior interacção entre a garota e o cliente, tornando-se uma verdadeira ferramenta para regular o programa”. Estes *sites*

² Site especializado em garotas de programa do Plano Piloto (Brasil, Asa Norte, Asa Sul, Sudoeste) e outras cidades como Águas Claras, Tagua.

³ Site especializado em garotas de programa. Acompanhantes de Brasília Garotas de programa Brasília.

possibilitam comentários classificando a qualidade de serviços da garota, o que pode de certo modo, prejudicar ou fazer com que a garota/o, tenha mais ou menos aderência já que alguns clientes definem a qualidade dos serviços ofertados, e a conduta da trabalhadora de sexo a partir dos comentários.

Apesar do processo do estabelecimento de confiança, na tramitação de serviços sexuais, pelas redes sociais, não ser o foco dos estudos que compreendem a nossa revisão da literatura, notamos que este exercício é de certo modo trazido por Toscanini (2018), embora de forma superficial. A partir das classificações e comentários feitos em torno dos serviços das trabalhadoras de sexo no *capitalsexy*, seus possíveis clientes, definem a conduta e confiabilidade da trabalhadora de sexo. Assim, a confiança pode ser gerada através dos estoques de conhecimentos e informações adquiridas na interação com os outros seguidores.

Toscanini (2018) ilustra que, para anunciar seu trabalho por meio do *site capitalsexy*, a garota de programa entra em contacto com o gerente do mesmo *site*, e faz-se um acordo. Posteriormente, esta é fotografada, geralmente, por um fotógrafo indicado pelo *site*. Daí, é criado o seu perfil e feita a publicação. Entretanto, de acordo com o autor, a abertura de um perfil por meio deste *site* acarreta custos, pois os serviços de fotografia e edição, não são baratos, mas, as garotas arcam com os custos porque esperam ter um retorno.

Toscanini (2018), ilustra que, nestes *sites*, o local de atendimento ao cliente, tem sido indicado às garotas, pelos gestores dos mesmos, existindo, uma rede empresarial que financia a prostituição. O autor, dá a entender, que as plataformas *capitalsexy* e *socinquenta*, operam sob uma lógica capitalista, e visam maximizar os lucros, se expropriando do trabalho das garotas de programa.

Na visão de Soares (2022), “o processo de plataformização do trabalho de sexo, propicia uma nova roupagem às relações sociais, produzindo novas subjectividades e sociabilidades no mercado do sexo”. Assim, com os meios digitais, muitos trabalhadores de sexo migram para o mundo digital, criando contas e canais, recorrendo igualmente, a redes como o *faceboock*, *twitter* e *instagram*, com vista a expandir e divulgar serviços sexuais. Para Soares (2022), muito além da busca por prazeres pela internet, por meio de pornografia tradicional, a plataformização do trabalho sexual criou um novo comércio sexual, que se traduz em proletários sexuais virtuais.

Para além de garantir visibilidade as prostitutas, expandindo o seu trabalho e ampliam a sua rede de clientes, o autor conclui que nas plataformas, as garotas de programa estão sujeitas á

exploração. Estas plataformas, se expropriam do trabalho das garotas de programa, usando mecanismos para aliena-las e fazer com que produzam mais conteúdo. No entanto o autor constata que esta exploração não é por elas percebida, estas olham para o ciberespaço, como um meio liberal que as matem livres das ruas, e de actores produtores de filmes pornô, constituindo um meio reservado que garante independência financeira.

Ao falar da plataformização do trabalho sexual, Soares (2022), argumenta que “muitas das vezes, tem-se colocado a pornografia tradicional, e outras formas de trabalho sexual mediado por plataformas no mesmo nicho. No entanto, estas duas práticas se diferem, e a pornografia foi a pioneira no uso de plataformas digitais, dando vazão a outras formas de trabalho sexual em plataformas”. Indo por esta lógica de raciocínio, constatamos nas abordagens dos autores que compreendem o nosso debate, que, há uma tendência dos mesmos, em situar a prostituição virtual e o uso de plataformas digitais para tramitar serviços sexuais no mesmo nicho.

Em estudos como o de Toscanini (2018), por exemplo, as trabalhadoras de sexo são apelidadas por “acompanhantes virtuais”, e o fenómeno em volta de suas práticas descrito como “prostituição virtual”, quando as actividades promovidas por estes actores transcendem o espaço virtual. Muito mais do que o sexo virtual, venda de vídeos e práticas eróticas *online*, as práticas descritas no estudo, se estendendo ao plano físico. Deste modo, consideramos imprescindível, uma distinção clara dos termos “prostituição virtual” e a “tramitação de serviços sexuais pelas redes sociais”.

Nessa órbita, Madeiros (2023), defende que “apesar das suas vantagens por eliminar as barreiras espaço temporais, e garantir as trabalhadoras de sexo maior liberdade, a prostituição digital representa desafios em termos de regulamentação e protecção dos direitos humanos, por nem sempre se tornar possível a identificação dos actores envolvidos”. O autor alega que as plataformas digitais, têm por base, uma lógica capitalista, onde mulheres e homens estão expostos como mercadoria.

Nesta última perspectiva, os autores trazem-nos uma visão crítica da prostituição no ciberespaço, em relação a lógica consumista da sociedade líquida capitalista. Outrossim, notamos, que para além de centrar sua atenção a plataformas como o *capitalsexy*, que promovem anúncios de actividades eróticas e serviços sexuais, Soares (2022), e Costa (2015) fazem menção á promoção da actividade, por meio de redes sociais de massa, como o *facebook*, e *whatsapp*, que contam com maior número de usuários e espectadores pelo

mundo. Entretanto, verifica-se uma fraca exploração do fenómeno nas abordagens destes autores, que chegam a apegar-se a um estudo meramente bibliográfico, não abrindo espaço para a percepção do fenómeno a partir da visão dos actores envolvidos.

È notório que, ainda que, o foco das perspectivas aqui trazidas distinga-se em alguns aspectos, de um modo geral, os autores partilham pontos em comum, sendo consensual o facto de que os trabalhadores de sexo recorrem as redes sociais pois estas lhes conferem sensação de segurança e as mantém livres de exposição em ruas.

1.4. Problema de pesquisa

A promoção de serviços sexuais no ciberespaço é um fenómeno que vem se expandindo pelo mundo, e Moçambique não é uma excepção. A província de Maputo, concertadamente as cidades de Maputo e Matola, configuram-se como um local em que o fenómeno vem ganhando visibilidade, devido a massificação do uso das redes sociais por parte dos actores desta sociedade, para a interacção e promoção de serviços. Ainda assim, no âmbito da revisão da literatura, verificamos uma fraca propensão dos pesquisadores na sociedade moçambicana, em explorar o trabalho de sexo em redes sociais, facto que despertou a nossa curiosidade, e o interesse em explorar o fenómeno, buscando compreender as suas dinâmicas.

Por meio dos estudos acessados, aferiu-se que, não há uma terminologia precisa para designar o trabalho de sexo mediado por meio do ciberespaço, pois, os pesquisadores desta temática, tendem a colocar o sexo virtual e a marcação de serviços sexuais presenciais, no mesmo nicho, não havendo, portanto, uma designação clara do fenómeno. A falta de um termo preciso para definir o trabalho de sexo mediado por plataformas digitais, dificulta a pesquisa do tema, termos como, “prostituição virtual”, e “trabalho de sexo online” tem sido comumente usados, mas não captam a complexidade das práticas que podem envolver tanto, interacções online, como presenciais.

Nesta ordem de ideias, considerando que, a presente pesquisa, procura captar o trabalho de sexo mediado pelo ciberespaço englobando tanto o sexo virtual, como, serviços presenciais, captando um fenómeno que transcende o ciberespaço, se alargando ao plano físico, adoptamos a terminologia “prostituição e o ciberespaço”, considerando que, esta colocação nos permita abranger a totalidade das praticas do trabalho de sexo no ciberespaço (práticas virtuais, e presenciais).

De acordo com abordagens como as de Lourenzi (2019), a prostituição realizada com recurso ao ciberespaço possibilita as trabalhadoras de sexo, o contorno do estigma social por permitir a ocultação de imagens do rosto, e outros adereços, nos perfis e publicações. Esta lógica do anonimato, bem como o contorno de exigências que advém do exercício da profissão em ruas, conduzem, a uma sensação de “segurança” e a afluência às redes sociais para a promoção de serviços sexuais.

No entanto, estudos como de Costa (2015) e Toscanini (2018), elucidam, o facto da venda de serviços sexuais por meio do ciberespaço, não ser segura como parece. O ciberespaço se configura, como um ambiente fluido onde os indivíduos têm a possibilidade de manipular sua identidade, não se tendo, a certeza de com quem se interage, nem mesmo de suas intencionalidades. O ambiente virtual, proporciona a seus usuários, a criação e recriação de identidades duplas, o que não é possível quando se está diante de uma interacção *face a face*.

Deste modo, diante da volatilidade do espaço virtual que possibilita aos seus usuários, ocultar e manipular suas identidades, a tramitação de serviços sexuais pelas redes sociais pode proporcionar uma dose de desconfiança. Assim, analisar as estratégias empregues pelas trabalhadoras de sexo para estabelecer confiança com seus clientes, faz-se necessário. Entretanto, os estudos acessados revelam-nos que, a análise dos meios pelos quais se estabelece a confiança entre a trabalhadora de sexo e seus clientes, numa situação em que não estão co-presentes fisicamente, tem escapado para os pesquisadores deste tema.

Outrossim, tem havido uma fraca propensão em analisar o fenómeno da prostituição por meio de redes como *facebook* e o *whatsapp*, dando-se mais ênfase a *sites* de promoção de serviços sexuais. Notamos assim, que mesmo o estudo de Costa (2015), que analisa a prostituição por meio do *facebook* limita-se a análises bibliográfica. O autor não faz qualquer estudo empírico, que resulta de interacção concreta com os actores sociais envolvidos, o que limita a compreensão do fenómeno a partir da visão e experiências concretas das próprias trabalhadoras de sexo.

É neste contexto que na presente pesquisa, propomo-nos a compreender as visões e experiências das trabalhadoras de sexo que usam o *faceboock* e o *whatsapp* para promover serviços sexuais, nos atendo especificamente, as trajectórias e estratégias que as trabalhadoras de sexo adoptam para estabelecer e gerir confiança ao construir relações comerciais com os seus potenciais clientes. Para o alcance de tal desígnio partimos da seguinte questão: **Que trajectória e estratégias, as trabalhadoras de sexo que usam o Facebook e Whatsapp**

para angariar clientes, adoptam de modo a estabelecer e gerir confiança nas relações comerciais com os seus potenciais clientes?

Partindo do pressuposto de que a promoção de serviços sexuais por meio de redes sociais possibilitam os actores sociais ocultar e manipular a sua identidade, consideramos que: numa interacção sem co-presença física, as trabalhadoras de sexo que usam as redes sociais – *Facebook* e *Whatsapp* – adoptam estratégias quotidianas que podem ser captáveis e compreendidas racionalmente, que lhes permitem estabelecer e gerir uma determinada confiança na construção de relações comerciais com os seus potenciais clientes.

CAPÍTULO II: ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL

2.1. Construção do quadro teórico

Na pesquisa, tomamos como teoria de base para a compreensão do fenómeno, a fenomenologia de Alfred Schutz (1979), que tornou possível captar o mundo da vida das trabalhadoras de sexo, suas experiências, as motivações do uso das redes sociais para a promoção de serviços sexuais, e as estratégias que as trabalhadoras de sexo empregam para estabelecer e gerir confiança ao construir relações comerciais com seus clientes.

A fenomenologia de Alfred Schutz (1979), tem como foco, as acções dos indivíduos na vida quotidiana. Com base nesta teoria, Schutz busca compreender a realidade quotidiana dos indivíduos com recurso as significações que estes atribuem as suas acções, suas experiências e vivências. O autor considera a realidade como o mundo da vida, e parte do princípio de que esta realidade é socialmente construída através do conhecimento intersubjectivo, e das diferentes atribuições de sentido que os seres humanos desenvolvem num determinado contexto. Esta teoria analisa a realidade tal como ela se apresenta à visão e percepção dos sujeitos, ou seja, analisa o senso comum.

No processo de reconhecimento e significação do mundo, a atitude natural é trazida por Schutz como um elemento central através do qual os indivíduos orientam sua vivência, tendo a consciência de que suas experiências significativas são vivenciadas pelos outros, formando assim, suas significações a partir dos estoques de conhecimento, experiências intersubjectivas e recursos disponibilizados pela estrutura sócio cultural do grupo a que pertencem. Em Schutz (1979), os estoques de conhecimento através dos quais significamos o mundo, servem como um código pelo qual são interpretadas, as experiências passadas e presentes dos actores, mas, também, determinam a antecipação e vislumbre de acontecimentos futuros.

Para o autor, a tipificação ou o senso comum, é o meio pelo qual o homem conhece o mundo, deste modo, chama atenção para a observância do senso comum como objecto de análise, propondo o princípio de redução fenomenológica ou *epoché* para a análise do mesmo. Este método ou princípio, consiste no afastamento sistemático do senso comum, o vigiar das pré-noções, e preconceitos que se tem do mundo.

A redução fenomenológica, busca por tanto, afastar o pesquisador do senso comum, para que tenha uma compreensão real do fenómeno, permitindo apreender o significado de uma experiência á consciência, indo muito além das nossas pré-noções. Esta teoria, toma a consciência como um ato exclusivo do sujeito que percepção o mundo, e orienta seu curso

de acções em função dos estoques de conhecimento, e reservas de experiências adquiridas durante a vivência em sociedade. Por estoques de conhecimento, ou reserva de experiências, refere -se a totalidade de saberes, “conjuntos de significados que o indivíduo apreende em sua vivência com os outros”, ou por meio de experiências próprias, e das experiências vivenciadas.

De acordo com a fenomenologia de Schutz, a forma através da qual significamos o mundo é inerentes as coisas experienciadas. A experiência imediata da vida do sujeito, sua situação biográfica e histórica, moldam a percepção deste em torno da realidade, e delimitam sua acção. Assim, a experiência e estoques de conhecimento pelos quais significamos o mundo, se desenvolvem na duração, no tempo e no espaço pela vivência em sociedade.

Em sua teoria fenomenológica, Schutz explora conceitos importantes como, o mundo da vida, motivações, estoques de conhecimento, e experiências, que foram importantes para compreender como se estrutura o mundo da vida das trabalhadoras de sexo, as motivações do uso das redes sociais, bem como as estratégias quotidianas através das quais a confiança é estabelecida e gerida na interacção com seus clientes.

2.2. Definição de conceitos

Nesta etapa, apresentamos os principais conceitos que articulamos para organizar e interpretar os dados, nomeadamente: Mundo da vida, motivações, trajectórias, confiança, prostituição, relações comerciais e redes sociais.

2.2.1. Mundo da Vida

O conceito de mundo da vida ou *lebenswelt*, é o mundo percebido pelos sujeitos, tal como se manifesta a consciência, é por tanto, uma estrutura das significações dadas através da síntese da consciência, que esquematiza as nossas experiências e aprendizados adquiridos ao longo da vida. (Schutz, 1979, apud Azevedo 2011 p. 57). Para Schutz (1979), o mundo da vida quotidiana, é “o mundo intersubjectivo anterior a nossa existência, vivenciado e experimentado por nossos predecessores e que se dá a nossa interpretação, baseada em estoques de conhecimento anteriores a nossa experiência”.

Ainda de acordo com Schutz (1979), o mundo da vida é conduzido com base nas experiências e percepções, cercadas por um lado de subjectividade, e por intencionalidades da consciência humana. Assim, o mundo da vida é o mundo da comunicação intersubjectiva, em que a vida é

conduzida, com base nas vivências do senso comum, regras e normas sociais que lhe conferem validade ao mundo.

Tomaremos nesta pesquisa, o mundo da vida enquanto, o mundo intersubjectivo que se dá a nossa interpretação com base em estoques de conhecimento, e experiências adquiridos ao longo vivência. Com esta noção, buscamos compreender o modo de viver, e o universo das experiências, e práticas das trabalhadoras de sexo em redes sociais, pois, estas actuam diante de regras e normas sociais, que norteiam as suas acções e modo de viver.

2.2.2. Motivações

De acordo com Nakamura (2005), motivação pode ser compreendida como “um conjunto de factores que determinam a conduta do indivíduo, tal motivação, pode dar-se de forma directa, quando impulsiona-nos directamente ao objecto que nos satisfaça; ou de forma instrumental, quando nos impulsiona em direcção a um objecto intermediário”.

De acordo com Schutz (1979) As acções pressupõem, um comportamento motivado. As motivações da acção humana podem ser subdivididas, em “*motivos a fim de*”, que pressupõe motivos dirigidos a objectivos e metas que apontam para o futuro, e expressam o fim em função do qual se desencadeia a acção humana. E os “*motivos por que*”, que remetem as causas da conduta humana, que estão enraizadas em experiência passadas.

Tendo em conta a tipologia da motivação da acção humana construída por Schutz (1979) – “*motivos porque*” e “*motivos a fim de*” – consideremos, para este estudo, motivação, enquanto um determinante da acção humana que pode estar enraizada em experiências passadas, cujos objectivos apontam para fins futuros. Com esta noção buscamos captar os factores que motivaram a entrada das interlocutoras da pesquisa pra a venda de serviços sexuais em redes sociais, a partir, da análise de suas experiências, e aspirações futuras.

2.2.3. Trajectórias

Na óptica de Bourdieu (1998), a trajectória, seria o resultado construído de um sistema de traços pertinentes de uma biografia individual, ou de um grupo de biografias. A trajectória é uma objectificação da relação entre os agentes, e as forças presentes no campo, onde se descreve a série de posições ocupadas pelo mesmo indivíduo no campo. A trajectória social compreende toda a maneira singular de percorrer a vida social exprimindo as disposições dos habitus.

Falar da trajectória é descrever a biografia, ou o desenrolar da história de indivíduos, ou grupos, que devem ser encaradas como uma construção realizada a despeito das intenções e sentidos das acções desses indivíduos, em um campo. Assim, para (Montagner, 2007) a origem social é um factor importante para apreender a trajectória dos indivíduos, a medida em que o habitus primário do indivíduo é fundamental para captar os habitus que vai interiorizando ao longo da vida.

Consideramos para este estudo a noção de trajectória segundo Montagner (2007), enquanto, uma construção realizada a despeito das intenções e sentidos das acções dos indivíduos em um campo. Assim, com a noção de trajectória, buscamos captar o percurso das participantes da pesquisa, suas intenções e sentidos, que as levam a construir sua identidade enquanto trabalhadoras de sexo.

2.2.4. Relacionamento comercial

Conforme, Andrade e Franco (2017) relacionamento comercial é “aquele que compreende actividades produtivas entre dois ou mais agentes económicos, os compradores e vendedores, que têm o intuito de satisfazer as necessidades uns dos outros. Estes relacionamentos envolvem, tanto, indivíduos, assim como empresas ou nações, e as transacções mantidas nestas relações, integram bens de serviço e promovem também intercâmbio tecnológico, cultural e económico”.

Por sua vez Andrade e Franco (2017), realçam que “as relações comerciais podem ser bilaterais, em que envolvem dois indivíduos ou agentes, que obtêm benefícios, mutuamente. Assim como podem ser multilaterais, que são classificados com base no comportamento das partes envolvidas e do tipo de interacção que decorre entre eles”.

Garcia (2022), assume que a relação comercial, consiste na existência de um fornecedor, um consumidor e um produto ou serviço prestado a este consumidor, pelo fornecedor, de forma directa, clara e específica, se classificando como destinatário final desta relação.

Consideremos na pesquisa, relacionamento comercial enquanto aquele que compreende actividades produtivas entre dois ou mais actores, os fornecedores e consumidores de serviços que com a troca destes serviços têm o intuito de satisfazer as necessidades uns dos outros e entalecem um acordo de modo que obtenham benefícios de forma mútua. Com a noção de relações comerciais, buscamos captar o processo pelo qual ocorre a troca de

serviços entre a trabalhadora de sexo e seus clientes, que, com base em um acordo, definem limites de modo que obtenham benefícios mútuos.

2.2.5. Confiança

Luhmann (1979), Concebe a confiança enquanto uma escolha racional, que surge como produto de cálculos conscientes de um sistema de valores conscientes. A familiaridade, autoconfiança, a informação e o risco, são para Luhmann elementos fundamentais á construção da confiança. A confiança é para Luhmann um fundamental redutor da complexidade em relações interpessoais, já que o outro surge como criador de complexidade por ser desprovido de familiaridade.

Giddens (1991), define confiança enquanto “crença na credibilidade de uma pessoa ou sistema, tendo em vista, um dado conjunto de resultados ou eventos em que essa crença expressa uma fé na probidade ou amor de outro”. Nestes termos, indo ao encontro de Luhmann que considera a confiança um redutor da complexidade, através da ideia Giddensiana de confiança enquanto uma atitude que deriva da fé, compreendemos que, esta fé, se configura como um elemento redutor da complexidade, pois, apesar de ser desprovido de familiaridade, a expectativa de que o sujeito objecto de confiança agirá em função da personalidade apresentada reduz a complexidade na interacção.

Robbins (2009), define confiança enquanto a expectativa de que outrem não agirá de maneira oportunista, seja por palavras, decisões ou acções; tomando por base a integridade, competências, consistência, lealdade e abertura. Tal investimento de Confiança pode estar alicerçado ao conhecimento (informações ou histórico de alguém que induza a previsão de suas acções), bem como, por meio da identificação (quando o sujeito alvo de confiança e quem confia, captam as intenções um do outro e cooperam).

Assim, depreende-se que a confiança pode ser gerada com base em factores de ordem cognitiva, enquanto produto de cálculo consciente, mas também, por meio da fé. Deste modo, assumiremos nesta pesquisa, confiança enquanto um empreendimento calculado ou não, baseado na expectativa de que outrem não agirá de maneira oportunista, e tomará no curso de suas acções a personalidade por ele apresentada. O empreendimento de confiança, alicerça-se as experiências vivenciadas e nos estoques de conhecimento, bem como por meio da identificação (quando o sujeito objecto de confiança e quem confia, captam as intenções um do outro e cooperam).

Com esta definição, buscamos captar o meio pelo qual, os actores envolvidos na tramitação de serviços sexuais pelas redes sociais estabelecem, e definem a confiabilidade um do outro, captando, os diversos elementos pelos quais a confiança se desenvolve, sejam estes cognitivos ou baseados na fé.

2.2.6. Prostituição

O termo prostituição provém do latim *prostitutos*, que significa colocar diante, expor, apresentar a vista, pôr a venda e a devassidão. De acordo com Toscanini (2018), a prostituição é “um fenómeno complexo cuja definição varia de acordo com o autor e época, resultando de uma construção social. Isso faz com que a visão das sociedades em torno da mesma não seja linear”.

De acordo com Barbosa (2016 *apud* Coelho 2022), prostituição, supõe a troca consciente de serviços sexuais por interesses não afectivos, favorecimento monetário, bens materiais, ou certo tipo de compensação. A objectificação do sexo é caracterizada por comportamentos promíscuos por parte da/o trabalhador/a de sexo e busca por desejos, satisfação libidinal e de fantasias por meio de pagamento parte do cliente.

De acordo com Arranha e Matos (2014), muitas das vezes, a prostituição é visualizada como uma questão de busca por sobrevivência, onde algumas pessoas praticantes, vêm a actividade como profissão, e outras como subemprego. Entretanto, a prática, envolve muito mais que simples venda de sexo por razões monetárias.

Para esta pesquisa, considera-se a prostituição, toda a prática que envolve a entrega do corpo e prestação de serviços sexuais, em prol de certos benefícios ou compensação por parte dos trabalhadores de sexo, e busca por satisfação por meio do sexo pago por parte do cliente.

Com o conceito de prostituição, buscamos aferir que a medida em que as participantes da pesquisa prestam serviços sexuais, em troca de benefícios ou recompensas, envolvendo dinheiro ou bens materiais, elas pertencem a classe das trabalhadoras de sexo, operacionalizando assim o termo prostituição.

2.2.7. Redes sociais

Na visão de Costa e Meira (2011), as redes sociais compreendem as estruturas formadas pelas pessoas e seus relacionamentos, sejam relacionamentos duradouros ou a curto prazo, assim como directos ou indirectos. Entretanto, de acordo com Perreira (2011), na actualidade, o

termo rede social “tem sido usado para designar relacionamentos pela Web ou pela internet. Uma estrutura que é formada por indivíduos, ou grupos que partilham objectivos em comum”. Ainda de acordo com Pereira (2011), estas redes são caracterizadas por sua flexibilidade na comunicação, facilitando a interacção entre indivíduos de diferentes espaços geográficos.

As redes sociais da Web, pressupõem, segundo Costa e Meira (2011), ambientes virtuais do ciberespaço, onde os indivíduos interagem com os outros e criam redes baseadas em algum tipo de relacionamento ou teia de relacionamentos, a medida em que seus contactos vão se expandindo. Estas redes possibilitam não só o relacionamento entre as pessoas, mas também, a criação e aquisição de experiências, troca de conhecimento, estabelecimento de relações entre empresas, clientes, e resolução de problemas do mundo real a partir do espaço virtual.

Assumimos nesta pesquisa, as redes sociais, enquanto um ambiente virtual de sociabilidade, caracterizado pela fluidez e flexibilidade que conecta indivíduos com objectivos em comum, cujo relacionamento estabelecido em prol destes objectivos é duradouro, ou não. Estas redes favorecem o exercício de diversas actividades, como o intercâmbio económico, social e cultural, sem que o face a face seja a condição primordial para manter a interacção. Com esta definição procuramos captar do dialogo com as nossas interlocutoras, o decurso da interacção estabelecida entre estas e seus clientes por meio da *web* na qual o face a face não surge como condição para que se possam relacionar.

CAPÍTULO III: METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentamos os métodos empregues para realização da pesquisa. Recorremos a abordagem qualitativa, que nos permitiu aprofundar a compreensão do fenómeno trabalho de sexo em redes sociais, considerando a perspectiva dos actores sociais envolvidos. Descrevemos de forma detalhada, os métodos, as técnicas de colecta e análise de dados, a amostragem e os aspectos éticos considerados.

3.1. Método de abordagem

Como método de abordagem recorreu-se ao indutivo, que segundo Andrade e Gil (2016, *apud* Neto, 2017), procede com a análise de dados, a partir de casos particulares de onde posteriormente obtém-se uma análise com possibilidade de extrapolar outros casos idênticos do fenómeno. Deste modo, a partir da análise das práticas e experiência de algumas jovens da cidade e província de Maputo, usuárias do *facebook* e *whatsapp* para a promoção de serviços sexuais, obtivemos constatações sobre as estratégias adoptadas pelas trabalhadoras de sexo, para estabelecer e gerir confiança na construção de relações comerciais com seus clientes. Assim, os resultados obtidos, podem ser extrapolados para explicar experiências e estratégias adoptadas por outras trabalhadoras de sexo que usam as mesmas redes sociais, e em mesmas circunstâncias, em diferentes contextos da Cidade e província de Maputo.

3.2. Método de procedimento

Como método de procedimento, recorremos ao método fenomenológico, que em conformidade com Neto (2017), proporciona uma descrição directa da experiência tal como é vivenciada pelos actores sociais. Este método, parte do quotidiano da compreensão do modo de viver dos sujeitos. Com base no mesmo, procuramos descrever a experiência das nossas interlocutoras de pesquisa tal como elas vivenciam, analisando suas trajectórias, motivações, vivências, e as estratégias por elas adoptadas de modo a estabelecer e gerir confiança, na interacção com seus potenciais clientes, por meio do *facebook* e *whatsapp*, partindo da perspectiva e compreensão dos sentidos das próprias trabalhadoras de sexo.

3.3. Técnica de recolha de dados

Para efeitos de recolha de dados, foi aplicada a técnica de entrevistas semiestruturadas. Para Manzini (1990, P. 154), a entrevista semiestruturada, está focalizada em um assunto sobre o qual é confeccionado um roteiro com perguntas principais, complementadas por eventuais

questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Este tipo de entrevista pode, na óptica do autor, fazer emergir informações de forma mais livre, isto é, perguntas abertas, pois as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

Com recurso a entrevista semiestruturada, elaborámos um guião de entrevista, que foi administrado às interlocutoras da pesquisa de forma confidencial, tendo sido solicitada previamente a autorização para a gravação da conversa, mediante a apresentação oral e escrita (enviada em formato electrónico) do termo de consentimento informado. Esse termo apresenta os objectivos da pesquisa e os principais procedimentos metodológicos e princípios éticos. Ao longo do diálogo com as interlocutoras foi surgindo a necessidade de empregar questões não previstas no guião. Essas questões surgiram devido aos comentários que as nossas interlocutoras iam fazendo ao longo da conversa, tais como, o facto de não prestarem serviços sexuais a indivíduos que tenham alguma proximidade (vizinhos, familiares), e a adopção de medidas de segurança no decurso do programa de sexo. As entrevistas foram feitas de forma individual, com a duração de cerca de 35 a 50 minutos, tendo sido administradas telefonicamente, por meio de chamadas de voz.

No diálogo, procurámos captar as trajectórias de vida das nossas entrevistadas, suas percepções em torno do fenómeno de trabalho de sexo em redes sociais, e as estratégias usadas para gerir e desenvolver confiança no estabelecimento de relações comerciais com seus clientes.

3.4. Técnicas de análise e interpretação de dados

Os dados foram analisados e interpretados a luz da análise de conteúdo. De acordo com Severino (2007), esta é uma metodologia de tratamento e análise de informações constantes de um documento, sob forma de discursos e enunciados, em diferentes linguagens, sejam escritas, orais, imagens e gestos. Esta técnica mostrou-se útil por possibilitar, a análise das narrativas das nossas interlocutoras sobre suas trajectórias e experiências vivenciadas enquanto trabalhadoras de sexo em redes sociais, que foram contadas discursivamente. Além do mais, esta técnica permitiu-nos analisar minuciosamente a literatura existente sobre a temática e conteúdos publicitados em redes sociais relacionados ao nosso objecto de análise.

3. 5. População e amostra

População ou universo refere-se, á totalidade de indivíduos que apresentam as mesmas características definidas para o estudo. E a amostra se resume na representação de uma

determinada parte dessa população, assim, as conclusões ou generalizações do todo são feitas com base na amostra (Fonseca, 2002,p.53).

A população desta pesquisa engloba jovens trabalhadoras de sexo, da cidade e província de Maputo, que usam o *facebook* e *whatsapp*, para angariar clientes. A amostra foi constituída por quatro trabalhadoras de sexo, todas do sexo feminino, residentes em Maputo e Matola, com idades compreendidas entre os 20 aos 24 anos. Esta faixa etária deveu-se, ao facto das trabalhadoras de sexo que nos eram apresentadas pertencerem a este intervalo. O tamanho da amostra, foi influenciado pelo facto do grupo alvo ser de difícil acesso, e por uma série de eventos e constrangimentos com os quais deparamo-nos, como, a não colaboração de algumas trabalhadoras de sexo abordadas para fazer parte da pesquisa, que muitas das vezes recusavam a participar, e ou aceitando, acabavam desistindo de fazer parte do estudo no decurso da entrevista, por temer uma possível exposição.

Tratando-se de uma pesquisa qualitativa, cujo grupo alvo, mostra-se de difícil acesso, recorremos a amostragem por *bola-de-neve*. De acordo com Vinuto (2014, p.203), a amostragem nomeada como bola de neve, é uma forma de amostragem não probabilística, que utiliza cadeias de referência, ou seja, a partir desse tipo de amostragem, não é possível determinar a probabilidade de selecção de cada participante na pesquisa, mas, torna-se útil para estudar determinados grupos difíceis de serem acessados. Esse tipo de amostragem também é útil para estudar questões delicadas de âmbito privado, e, portanto, que requerem o conhecimento das pessoas pertencentes ao grupo, ou reconhecidas por estas para localiza-las.

Com recurso a amostragem por bola de neve, após identificada a primeira participante, seguimos uma ordem de referenciamento. Importa referir que, a primeira participante, foi identificada por meio do *facebook*, rede na qual faz parte dos amigos virtuais da pesquisadora. Tendo, me deparado com as divulgações dos serviços sexuais da primeira interlocutora, por meio do “*story*” do *facebook* surgiu o desejo de compreender mais a fundo o fenómeno. Dai, observando suas publicações com mais cautela, decidi questiona-la, quando começou a promover serviços sexuais pelo *facebook*, e, se, apenas promovia seus trabalhos por meio de redes sociais. Numa fase inicial, desconfortada com a questão que lhe fora feita, esta optou em não falar de seu trabalho. Entretanto, depois de certa insistência a interlocutora cedeu, e fomos mantendo conversas frequentes sobre assuntos banais de nossa vida quotidiana, sem tocar muito em questões que envolvessem o trabalho de sexo. Depois de muito dialogarmos, esta mostrou-se mais à vontade e deu me seu contacto telefónico,

chegando até a dizer-me onde residia, o que abriu espaço para que me apresenta-se como estudante e pesquisadora.

Entretanto, esta recebeu a informação com estranhamento, mas no final concordou em ajudar-me com a realização da pesquisa, embora impondo algumas condições. Isto é, fazendo a cobrança de certos valores monetários, por alegadamente, não querer expor sua vida sem obter nenhum ganho, e aceitando apenas, entrevista telefónica, por temer uma possível exposição pública (...) após a realização da entrevista, esta concordou em ser contactada com vista a esclarecer certas dúvidas que surgissem.

3. 6. Critérios de exclusão e inclusão

A pesquisa se centrou em mulheres que vendem serviços sexuais através do facebook e whatsapp, sem revelar publicamente sua identidade. Foram excluídas trabalhadoras de sexo que actuam em espaços físicos como ruas e as que utilizam outras plataformas digitais para promover seus serviços. Além do mais, não foram consideradas aquelas mulheres que revelam sua identidade em redes sociais, assumindo publicamente a venda de sexo.

3.7. Questões Éticas

Para Dell-Masso e Santos (S.d.p.14), a ética na pesquisa deve ser verificada em todo o trabalho, mas com o advento da internet, proliferam-se os plágios e existência de trabalhos sem a citação devida das fontes, desrespeitando os autores.

No que concerne ao emprego de procedimentos éticos, o estudo, tomou em conta as questões éticas desde a fase inicial da concepção do projecto, até a fase de culminação, pelo que, todas as fontes usadas no âmbito da realização da pesquisa foram devidamente referenciadas. Através da apresentação dos objectivos da pesquisa, as nossas interlocutoras foram conscientizadas do papel que desempenhariam na pesquisa. Tais objectivos foram apresentados via telefónica, de forma oral e sob forma de enunciado. Mantivemos as interlocutoras cientes de que sua participação no estudo era livre, as conscientizamos ainda, que caso não se sentissem confortáveis, tinham a liberdade de se expressar, bem como a de abandonar a entrevista, sem, com isso, incorrer qualquer represália ou prejuízo.

Por pertencerem a um grupo vulnerável e socialmente estigmatizado, as informações fornecidas pelas nossas interlocutoras, que colocassem em risco a sua identidade, tais como, seu nome e outros dados sensíveis, foram tratados de forma confidencial, de tal maneira que

prossequimos com a escolha de nomes fictícios para referirmo-nos a elas. Usamos assim, nomes de personagens da telenovela brasileira “*Amor sem Igual*” que, retrata a história de algumas jovens trabalhadoras de sexo.

3.8. Constrangimentos e formas de superação

A realização da pesquisa, envolveu uma série de constrangimentos, principalmente na fase de colecta de dados. A primeira entrevistada desempenhou um papel importante para o avanço da pesquisa, entretanto, como condição para fazer parte do estudo, e indicar outras participantes, exigiu pagamento, alegando perda de tempo, e a crença de que a pesquisadora teria benefícios financeiros com a pesquisa.

Com vista a superar esse entrave, tive de explica-la que a pesquisa era de cunho académico, e apresentei-lhe a credencial. Dei-lhe ainda a conhecer, que o pagamento de valores monetários poderia colocar em causa a observância de questões éticas, e surtiria certas implicações no estudo, influenciando os dados obtidos, á mediada em que ela participaria da pesquisa, apenas por esperar uma recompensa de minha parte. O que podia levá-la a não captar o quão crucial era o papel por ela desempenhado, levando-a, a responder as questões com pouca clareza, e se deixando guiar pela falta de sinceridade.

Outrossim, por inexperiência, a dada altura não soube abordar as participantes que me eram referenciadas, e estas, acabavam se alterando e proferindo palavras pejorativas. Estas alegavam que as perguntas feitas eram muito íntimas, e chegaram a avançar a hipótese estar a mando de alguém que as conhecia, e queria comprometer sua imagem.

Como forma de superação, após avançar a possibilidade de ter afugentado as interlocutoras por não saber como introduzir o assunto, antes de me identificar enquanto pesquisadora dava a conhecer que uma de suas colegas foi quem me indicou, e que podiam confirmar a minha identidade e objectivos com a tal colega (...) Só assim estas recebiam-me de bom agrado, embora ainda assim, algumas desistissem da entrevista. Estes constrangimentos que surgiram no durante a recolha de dados tiveram influência sobre o tamanho da amostra, onde só foi ter quatro entrevistas bem-sucedidas.

3.9. Limitações

Por questões de segurança e preservação da identidade, as interlocutoras da pesquisa optaram por entrevistas administradas telefonicamente, o que não possibilitou maior interação e controle do ambiente, bem como a observação de suas expressões faciais no âmbito do diálogo. Factores que podem ter incitado o vício do participante, que, deixando-se guiar pela falta de honestidade, a dada altura podem ter fornecido falsas informações.

A amostra estabelecida não abarca todo o universo de usuários de redes sociais para a venda de serviços sexuais, centrando-se, apenas, as que não assumem publicamente o trabalho de sexo, e censuram suas imagens. Deste modo, não se pode aplicar os dados obtidos para trabalhadores de sexo assumem sua identidade publicamente.

Outrossim, o tamanho da amostra não é representativo, constituindo por tanto, uma amostra reduzida. Contudo, devido à exaustão dos dados que foram colhidos nas quatro entrevistas, constatamos que era possível com base nos mesmos, prosseguir com a pesquisa.

CAPÍTULO IV: APRESENTAÇÃO DISCUSSÃO E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

A luz da revisão da literatura e do quadro teórico conceptual, neste capítulo apresenta-se, discute-se e interpreta-se, os dados obtidos em torno das estratégias empregues pelas trabalhadoras de sexo, de modo a estabelecer e gerir confiança, em relações comerciais com seus potenciais clientes, nas redes sociais.

Os resultados apontam que, as estratégias empregues pelas trabalhadoras de sexo, são fruto de calculo racional, moldado pelas experiencias vividas e vivenciadas no quotidiano. A interacção por meio de videochamadas e *chats*, permite, obter informações, ouvir e visualizar a imagem da pessoa com quem se pretende estabelecer a relação, reduzindo a incerteza que cerca a interacção por meio de redes sociais, levando a construção de um sentido de familiaridade entre a trabalhadora de sexo e o cliente.

Para sustentarmos esta constatação, subdividimos o capítulo em três secções, nomeadamente:

1) A apresentação do perfil sociodemográfico dos actores envolvidos na tramitação de serviços sexuais pelas redes sociais; 2) Descrição das trajectórias e motivações do uso das redes sociais para a promoção de serviços sexuais 3) Apresentação das estratégias de estabelecimento e gestão da confiança empregues na construção de relações comerciais entre a trabalhadora de sexo e seus clientes.

4.1. Sobre o perfil Sociodemográfico das trabalhadoras de sexo

Nesta secção apresentamos os dados sócio demográficos das nossas interlocutoras de pesquisa, acreditamos que estes dados são cruciais para a compreensão da dinâmica da prostituição pelas redes sociais, assim como perceber que mulheres estão envolvidas na actividade. Serão aqui, apresentados dados referentes a idade, sexo, estado civil, local de moradia, nível de escolaridade, e ocupação.

Tabela 01: Perfil sociodemográfico das trabalhadoras de sexo

Ordem	Nome fictício	Idade	Estado civil	Morada	Nível Académico	Ocupação
1	Cindy	20 anos	Solteira	Xipamani ne	2º ano (Ensino superior)	Estudante e Trabalhadora de sexo
2	Furacão	22 anos	Solteira	Benfica	12ª classe (Ensino médio)	Trabalhadora de sexo
3	Dona Tela	22 anos	União de facto	Machava Socimol	7ª classe (Ensino básico)	Trabalhadora de sexo
4	Poderosa	24 anos	Solteira	Boane	2º ano (Ensino superior)	Empreendedor a e Traalhadora de sexo

Fonte: (Macatane, 2024).

A pesquisa, foi constituída por jovens com idades compreendidas entre 20 aos 24 anos, todas de raça negra, residentes na cidade e província de Maputo. Ainda, vale salientar, que as interlocutoras manipulam suas verdadeiras identidades durante o desempenho das suas actividades nas redes sociais. A lógica é de que estas mulheres trabalhadoras de sexo, manipulam as suas identidades, diferenciando-se de sua identidade social.

No que concerne ao agregado familiar, constatamos que, duas das interlocutoras residem com seus pais e/ou irmãos. Uma delas reside com o seu cônjuge e filha. Por fim, a última reside com seus dois irmãos mais velhos, um dos quais é casado e tem dois filhos. Apesar das interlocutoras não terem aceite dar detalhes sobre as pessoas com quem residem, (Cindy) contou que seu pai é professor, e (Poderosa) afirmou que seus irmãos, exercem actividades de jardinagem e comércio.

Em relação ao estado civil, os dados indicam que três das quatro interlocutoras participantes da pesquisa são solteiras, e, ao longo do diálogo estas deram-nos a conhecer que a maior parte das suas colegas (trabalhadoras de sexo), são igualmente solteiras, embora uma e outra

sejam casadas. O que deixa transparecer que as solteiras são as que mais se envolvem nesta prática.

Por seu turno, Silva e Carvalho (2017, p.11), afirmam que “os jovens, com baixo nível de escolaridade, em busca de emprego, com motivação financeira, têm maior prevalência de inserção no mercado da prostituição. Tais factores, podem de certo modo, se associar ao ingresso das interlocutoras da pesquisa na prática do meretrício, pois, o fato da maioria ser mulher solteira, com necessidades económicas, somado à ausência de qualificação (um obstáculo para conseguir outras ocupações) as leva à prática desse ofício”.

Ainda que o nível académico não seja linear, constatamos que as quatro interlocutoras são escolarizadas. O facto das interlocutoras possuírem certo grau de escolaridade, pode constituir um factor que lhes confere certa vantagem na execução da actividade nas redes, possibilitando a compreensão e domínio do uso das ferramentas digitais e aplicativos de *fotshop*, usados para censurar as imagens por elas publicitadas em seus perfis e *stories*.

Constatamos ainda, que as interlocutoras têm a venda de serviços sexuais como principal fonte de renda, não exercendo outras actividades que lhes garantam renda mensal. Apenas uma delas é que além da venda de serviços sexuais, comercializa roupas, iogurtes e presta serviços relaxantes como massagens, de modo a diversificar as suas fontes de renda.

Também vendo roupas, iogurte de malambe e faço serviços relaxantes, massagens aos meus clientes (...) depende da demanda e do meu empenho. (Poderosa, 24 anos 17/01/2024).

Desta feita, os dados acima permitem-nos concluir que os participantes da pesquisa são mulheres jovens e escolarizadas pertencentes a regiões e classes sociais heterogêneas.

4.2. Traçando um breve perfil dos clientes

A partir dos relatos das nossas interlocutoras, procurámos traçar nesta secção, um breve perfil dos indivíduos que procuram serviços sexuais em redes sociais. Esses relatos apontam, que os clientes das trabalhadoras de sexo são indivíduos com características diversas e de classes homogêneas.

Os indivíduos que solicitam os serviços sexuais pelas redes sociais, têm idade compreendida entre 22 aos 60 anos e são de diferentes raças e origens sociais. Em estudos como os de Lorenzi (2019), limitam-se em caracterizar os indivíduos que procuram pelos serviços das garotas de programa pela internet enquanto sujeitos com alto poder aquisitivo, já que de

acordo com este autor, os valores cobrados por serviços sexuais por meio de redes sociais são superior aos cobrados na prostituição de rua, por exemplo. Entretanto, em conformidade com as nossas interlocutoras, seus clientes são de classes homogêneas e possuem características diversas, mas, ainda que os tais indivíduos possuam diversas características, parecem ser os professores, os estudantes universitários e os empresários que mais procuram os seus serviços, contudo, estas não sabem quais as motivações de serem estes indivíduos que mais buscam seus serviços. Provavelmente, seja por causa das actividades que exercem que lhes geram mais *stress* e os leve a procurar relaxar com os serviços prestados pelas trabalhadoras de sexo.

Todas as classes, eu por acaso não escolho, basta ser limpo e ter como me pagar, o resto não interessa mesmo se for cadeirante (...) mas na maioria, são professores, mesmo universitários até empresários. (poderosa 24 anos. 17/01/2024).

As interlocutoras da pesquisa têm oferecido seus serviços para homens solteiros, mas afirmam que geralmente, os casados é que mais buscam por aventuras e experiências sexuais, que as suas parceiras não oferecem em casa, sendo que as nossas interlocutoras desconhecem os motivos que fazem com que essas mulheres não ofereçam as tais aventuras e fantasias aos seus maridos. Entretanto, acreditamos que se calhar, estas mulheres não ofereçam certas aventuras aos seus maridos pela timidez, e por se sentirem desconfortáveis em realizar certas fantasias.

Mergulhado nessa linha de raciocínio, Russo (2007, p.54), considera que “a procura por profissionais do sexo é motivada pela busca de um tipo específico de mulher, de prazer ou de fantasia sexual, de forma que não se trata de um serviço prestado por qualquer sujeito do sexo feminino, mas por uma mulher específica – a prostituta –, pois esta está inserida em um contexto particular, que proporciona sensações próprias e uma gama de possibilidades e experiências específicas”. Observe o depoimento a seguir.

Solteiros, e casados, mas 90% são casados que vem aqui relaxar e ter experiências que as mulheres não oferecem, porquê não sei. (Furacão 22 anos. 22/02/2024).

Apesar das idades dos clientes oscilarem dos 22 aos 60 anos, uma das interlocutoras partilhou, a experiência de uma vez prestar serviços sexuais para um indivíduo de 17 anos, que manipulou a sua identidade no *facebook*. A interlocutora só percebeu se tratar de um menor de idade quando chegou a casa do mesmo, onde certos eventos, como a timidez, a forma como este se dirigia a interlocutora (mana), deram a intender que ele não tinha a idade

que vinha no perfil (...) o rapaz alegou que estava em busca de uma aventura e experiência sexual, com uma mulher mais velha e experiente. A interlocutora alegou que já tinha sido paga uma percentagem do valor de seus serviços, antes mesmo de se fazer ao local de realização do programa, de tal maneira que acabou abrindo uma excepção, prestando serviços sexuais sem penetração ao cliente.

Por acaso até tive a experiência de atender uma criança, adolescente nascida por ai em 2005, com uns 17 anos, até me pagou uma parte do valor antes de eu ir ter com ele, (...) já em casa dele quando percebi que era uma criança até perguntei: teu irmão é que mandou-me receber? Disse não mana, estou a pedir (...) eu queria uma pessoa com experiência vou pagar o que falta, olha que até me chamava de mana, foi muito estranho ele é pequeno, só lhe estimulei, não levou nem cinco minutos (...) fiz coisas rápidas, por ser criança nem reclamou. (Furacão 22 anos, 22/02/2024).

Ainda que não seja foco da nossa pesquisa, o facto da trabalhadora de sexo ter tramitado serviços sexuais com um adolescente, sem mesmo se aperceber, chamou-nos atenção, pois deixa explícito o envolvimento de menores de idade, no trabalho de sexo em redes sociais. O que evidencia a ideia expressa por Costa (2015), em relação á fragilidade das redes sociais *facebook*, quanto a fiabilidade da identidade de seus usuários. O que revela imprevisibilidades que podem ocorrer na tramitação de serviços sexuais no ciberespaço.

4.3.Trajectórias e motivações da entrada para a venda de serviços sexuais em redes sociais

Nesta secção, analisamos o processo da entrada das participantes da pesquisa no mundo do trabalho sexual em redes sociais, e, os factores que as levam a optar pelas redes sociais para a promoção de seus serviços. Os dados revelam, que a maioria iniciou sua trajectória por meio de convites de conhecidos; assim como pela criação individual de páginas para promover serviços eróticos. A preferência pelo ciberespaço, está associada a possibilidade de ocultar a identidade, isto é, permitindo que as trabalhadoras de sexo exerçam sua profissão de forma discreta e evitem a estigmatização social.

“A realidade virtual, tão central nas relações humanas actualmente, é um novo espaço de relações sociais e envolvimento humano, com regras próprias, que possibilita o desenvolvimento de estratégias específicas para os participantes. Boa parte da vida social é reordenada em cibervida” (Bauman, 2008).

Nessa senda, as nossas interlocutoras alegaram que a possibilidade de manter sua identidade em anonimato, as motiva a actuar pelas redes sociais, pois as políticas de privacidade das infra-estruturas do ciberespaço viabilizam a censura de suas imagens, escapando do risco de serem reconhecidas e identificadas em espaços públicos físico, ou de co-presença física.

Eu prefiro as redes sociais porque nas ruas todo mundo te vê. (Dona Tela, 22 anos.04/02/2024).

As afirmações das entrevistadas vão ao encontro das proposições destacadas por Lourenzi (2019), e Jesus (2021), onde frisam, que “a internet oferece as trabalhadoras de sexo, uma sensação de privacidade e menor exposição”. Estes tomam o ciberespaço como um local livre de actuação e ideal para garantir o anonimato, em detrimento da prostituição de rua que obriga os garotos de programa a posicionarem-se em espaços públicos, se expondo. Na mesma ordem de ideias, Soares (2015) alega que, as redes sociais abriram espaço para um novo mundo que nos permite tornar públicas, opiniões, actos, expressões sentimentos, valores e preconceitos que não ousaríamos dizer ou fazer face a face.

No que concerne ao percurso das interlocutoras, na promoção de serviços de sexo em redes sociais, constatamos que, anteriormente a sua entrada nesta actividade, estas já tinham gosto e vícios pelas práticas eróticas, bem como o desejo de vivenciar algumas experiências sexuais, o que as levou a abraçar as oportunidades que surgiam para actuar em redes sociais.

Primeiro entrei no grupo de venda de sexo no whatsapp por falha, pois tive o link com alguém da família que me enviou e eu segui a ligação, mas antes eu já tinha um vício, vício das coisas, por isso quando percebi a essência do grupo fiquei porque eu gostava. (Dona Tela 22 anos. 04/02/2024).

Os dados indicam que a identidade de trabalhadora de sexo foi traçada por um lado, a partir de convites que levaram as interlocutoras a se engajar em grupos com fins voltados a práticas sexuais, com o intuito de satisfazer o libido e o gosto pela prática de sexo. E que, por outro lado, a entrada para o trabalho de sexo deu-se por meio da criação independente de páginas virtuais, estimulada pela observação de alguns sites e anúncios de serviços sexuais que surgiam pela internet.

Iniciei a venda de sexo a quatro anos, quando tinha vinte anos. Quando iniciei nem percebi, mas tive curiosidade em experimentar porque gostei de uma experiência

sexual que tive. Fui a uma festa com minha amiga, mas já era tarde, e por ser uma zona distante da nossa, ela sugeriu que dormíssemos em casa de um amigo, nas proximidades do local da festa nas zonas da costa do sol. Durante a noite andaram a nos apalpar eu quis recuar, mas me prometeram dinheiro, aceitei, e aconteceu. Depois de um mês eu disse pra minha amiga que devíamos voltar lá ter com os conhecidos dela, porque eu gostei da experiência sexual, foi picante e para piorar me pagaram (...) Dias depois vi umas páginas de venda de sexo, e eu tive a ideia de criar minha própria página no facebook, eu encontrava clientes e convidava a ela (amiga). (poderosa, 24 anos de idade. 17/01/2024).

Os dados indicam que, a promoção de serviços sexuais em redes sociais é motivada por desejos e experiências enraizadas a acontecimentos passados, conforme Schutz (1997), defende, os indivíduos orientam as suas acções quotidianas com base nos estoques de conhecimento, e experiências aprendidas ao longo de sua vivência em sociedade. Tais experiências influenciam nas suas decisões e visão do mundo, o que o autor denomina "motivações porque" que expressam causas da conduta humana ancorados em acontecimentos passados. Assim, ao se deparar com páginas que promoviam anúncios sexuais na internet, e a medida em que recebiam convites para actuar na área, as interlocutoras perceberam que se existem indivíduos que promovem serviços sexuais pelas redes sociais, elas também poderiam seguir o mesmo curso de acção.

As participantes entenderam, que, por meio da internet, seria possível encontrar indivíduos que satisfariam seu libido as permitindo vivenciar experiências sexuais, mas também pagariam por seus serviços; consubstanciando a satisfação da libido a possibilidade de obter ganhos monetários. Surgindo assim, a variável económica como um dos motores do trabalho sexual em redes sociais. Vejamos o depoimento a seguir:

Por meio de um *link* que tive com uma pessoa familiar, entrei num grupo que era para partilha de vídeos e agendar sexo, eu gostava de assistir aqueles vídeos que mandavam também já gostava de sexo e tudo mais (...) e num belo dia eu tinha uma necessidade financeira. E vi no grupo alguém que prometia certo valor para ir ao encontro dele no lugar x fazer programa de sexo, e eu disse pra mim, deixa lá ariscar, dai puxei aquela pessoa para o pvt e fechamos. (Furacão, 22 anos, entrevista feita no dia 22/02/ 2024).

Os factores de ordem económica, por detrás da venda de serviços sexuais em redes sociais, podem ser segmentados a dois níveis, nomeadamente: a superação de necessidades económicas e a busca por autonomia financeira.

Quanto a superação de necessidades económicas, as interlocutoras se atem as necessidades decorrentes de sua situação financeira, e de suas origens sociais, para justificar o trabalho de sexo.

O que me fez apostar nesta área foram aflições da vida, a falta de emprego e a fome. Venho de uma família baixa, e quando vim aqui vim pra trabalhar. Sai de Inhambane para Maputo, quando cheguei, trabalhei três anos em uma empresa, dai não deu certo, deixei, e tentei arranjar outro emprego mas não consegui então comecei a passar dificuldades, e decidi apostar nesta área até porque eu gosto das coisas. (poderosa 24 anos, 17/01/2024).

Nesta senda, a entrada para a venda de serviços sexuais com vista a superação de necessidades económicas decorrentes da origem social, remete-nos a ideia expressa por Vieira (2022), de acordo com o autor, os garotos de programa do cenário nordestino (brasil) vivem em uma região com condições desfavoráveis o que os leva a refugiarem-se no trabalho sexual de modo a obter renda.

Ainda nos atendo a variável económica, constatamos que, há jovens que buscam por autonomia financeira, e vislumbram no mercado de sexo um meio para satisfazer seu líbio, mas também adquirir tal autonomia.

Eu comecei a trabalhar nesta área quando uma amiga me mandou *link* por saber que eu gostava de praticar sexo (...) Meus pais até pagam minha faculdade e tudo que peço, mas há coisas que eu quero e cobiço, mas eles impõe condições, ai com o que ganho por meio das redes eu posso comprar o que quero sem precisar depender muito deles. (Cindy, 20 anos. 01/03/2024).

O depoimento acima ilustra que a interlocutora viu no trabalho de sexo, um meio de alcançar autonomia financeira, entretanto, quando indagamos o porquê de optar pelo trabalho sexual para o alcance de tal objectivo, esta argumentou que já desejava passar por certas experiências eróticas, e, mais além, vendo as ofertas que eram feitas no grupo do *whatsapp* acabou percebendo que podia se divertir, e ainda, ganhar dinheiro para seus caprichos. O que revela que para além do factor económico a internet abre espaço para que a busca pela

satisfação do libido e realização de fetiches por parte de seus usuários aumente, tal como Jesus (2021), defende “as redes sociais abrem espaço para que categorias como desejos, e corpo ganhem espaço nas sociedades líquidas”.

Com suas práticas sexuais, as nossas interlocutoras esperam obter independência financeira e suprir suas necessidades, deste modo, entendemos que suas acções são orientadas por “motivações a fim de”, que de acordo com Schutz (1997), expressam motivações da acção humana com objectivos orientados para fins futuros; de tal maneira que os ganhos adquiridos pelas nossas interlocutoras são aplicados á fins futuros como, a aquisição de bens e requintes, conforme ilustra o depoimento seguir:

Estou neste mundo a 8 meses, e desde lá pra cá estou a gostar, ganho muito dinheiro, até já compro cabelos e já não passo fome. (Dona Tela 22 anos. 4/02/2024)

Constatamos que, a entrada das interlocutoras para a venda de serviços sexuais em redes sociais, não teve um marco linear, entretanto, estas são motivadas pela satisfação do libido e de necessidades económicas, em um contexto livre do estigma e exposição pública.

4.4. O mundo da vida das trabalhadoras de sexo em redes sociais: das práticas quotidianas a gestão da identidade

Nesta subsecção apresentamos, como se estrutura o mundo da vida quotidiana das usuárias de redes sociais para a venda de serviços sexuais. Analisamos, suas práticas quotidianas, as significações que atribuem a suas práticas, a relação comercial estabelecida com seus clientes, e os mecanismos usados para gerenciar sua identidade enquanto trabalhadoras de sexo. Constatamos que, as trabalhadoras de sexo que atuam por meio de redes sociais partilham uma série de significados, práticas e etnométodos específicos, usados para orientar sua vida quotidiana.

As redes sociais, como o *facebook* e *whatsapp*, são ferramentas fundamentais para a divulgação de serviços das participantes da pesquisa. A publicação de imagens eróticas, com destaque para partes íntimas do corpo, é uma estratégia usada para atrair clientes, conforme ilustram em estudos como os de, (Lourenzi, 2017; Pupu, 2017;), “ A valorização do corpo se configura como um elemento chave no trabalho de sexo em redes sociais”.

Através das publicações eu mostro a parte mais atraente no meu corpo, o rabo, mas não apenas o rabo, por vezes o peito já que também é atraente e chama muita atenção, daí o

cliente me puxa no pvt". Mas não posto o meu rosto, não quero ser reconhecida. (Dona tela 22 anos. 04/02/2024).

Apesar da exposição do corpo servir como atractivo para os clientes, tal como foi avançado em estudos como o de Viera (2022), as nossas interlocutoras da pesquisa deram nos a conhecer que o uso de fotos sem rosto, ou imagens censuradas, é uma prática frequentemente adoptada por garotas de programa que não queiram ser identificadas publicamente, permanecendo em anonimato para não clientes e indivíduos que não estejam envolvidos em serviços sexuais. Deste modo, sua identidade só é revelada a seus clientes, após o diálogo, e no contexto da realização do programa de sexo.

Eu só posto meu corpo (...) já imaginou se eu postasse foto completa com rosto, todos haviam de me reconhecer, me expor como se estivesse nas rua, (Poderosa 24 anos, 17/01/2024).

Por sua vez, as imagens expondo partes íntimas do corpo são normalmente acompanhadas de textos com insinuações eróticas (“venha ter sexo quente”, “estou disponível para foder”). Estas imagens, são ainda acompanhadas pela descrição dos serviços prestados que vão desde a venda de fotos eróticas até a realização do acto sexual com co-presença física; e por fim um apelo para que o cliente as contacte em privado: “me puxa no pvt”. Deste modo, as práticas sexuais das trabalhadoras de sexo se estendem das telas ao plano físico.

4.5. Práticas quotidianas nas telas do Facebook e Whatsapp

Nesta secção, partindo dos relatos das nossas interlocutoras, apresentamos as práticas quotidianas e etnométodos que as trabalhadoras de sexo usam na divulgação de serviços de sexo, e busca por clientes, nas redes sociais facebook e o *whatsapp*.

Os dados indicam que, no facebook os clientes são obtidos por meio de reacções á publicações das trabalhadoras de sexo, e, eventualmente, por recomendação de conhecidos. Entretanto, a tramitação e ofertas dos serviços de sexo, se estendem a comunidades virtuais e grupos do *whatsapp*. Nestes grupos, Promocionam serviços como a venda de vídeos, fotos, e o sexo físico; são membros destas comunidades as trabalhadoras de sexo, seus clientes e agentes (cafetões).

Hueck (2016), advoga que o estudo dirigido pelo professor da universidade norte-americana *Colúmbia*, Sudhir Venkatesh, revelou que em Nova Iorque 83% das profissionais deste ramo conquistam clientes pelo *Facebook*, o que não é muito diferente no Brasil, contexto no qual

páginas pessoais e *blogs* se tornaram cartão de visitas de garotas de programa, que deixam claro os serviços por elas oferecidos.

Constatamos que, o *facebook*, possibilita que as participantes alcancem com suas publicações, um número considerável de usuários, desde os amigos conectados a elas até aos demais usuários desta rede. O diálogo entre as partes (trabalhadora de sexo, e cliente), ocorre por meio do *chat* privado do aplicativo, onde após a publicação dos serviços ofertados pela trabalhadora de sexo, o cliente a aborda no privado. Entretanto, em situações em que o cliente apenas demonstra interesse reagindo à publicação, sem com isso abordá-la, a trabalhadora de sexo toma a iniciativa de iniciar a conversa em privado.

De acordo com Giovani (2023), “está intrínseco no ser humano deixar-se seduzir pelo que está distante, idealizando o desconhecido. No mundo virtual, em que se registra apenas uma fração da realidade, tudo é criado, inventado ou desenvolvido unicamente com um propósito, influenciar os indivíduos”. Veja o relato a seguir:

Por meio do facebook é fácil, só de fazer a publicação eles vêm no pvt, e você vai ao perfil dele para analisar e saber um pouco sobre ele. As pessoas vêm no pvt mas por vezes comentam a minha publicação ai depois de analisar o perfil eu o puxo no pvt. (Poderosa 24 anos, 17/01/2024).

O trabalho sexual tem o *facebook* como uma das ferramentas de divulgação, esta é uma rede de massas que permite as trabalhadoras de sexo alcançar de forma instantânea, indivíduos interessados em seu trabalho. Entretanto, muitas das vezes o diálogo não termina nesta plataforma, pois, a partir do *facebook* as trabalhadoras de sexo levam seus possíveis clientes a se conectar aos *chats* e grupos do *whatsapp*.

Estes clientes encontrados no facebook, assim como outros, quando percebemos que estão interessados nos serviços ou querem virar clientes assíduos adicionamos nos grupos do whatsapp, (Poderosa 24anos. 17/01/2024).

Nestes moldes, o convite para fazer parte dos grupos do *whatsapp* ocorre, de acordo com as interlocutoras, em duas situações. Em uma primeira situação, estas dão a conhecer seus potenciais clientes da existência de grupos em que possam desfrutar de serviços diversificados. Outrossim, o convite é feito por meio de uma publicação no *facebook*. Feito isto, as trabalhadoras de sexo enviam-lhes um contacto de *whatsapp* através do qual possam

ser adicionados, assim como uma ligação de convite (*Link*), para que estes se filiem aos grupos.

Constatamos que, contrariamente ao *facebook* que permite as usuárias alcançar vários indivíduos em suas publicações, o *whatsapp* conta com um público em específico pois, as publicações das trabalhadoras de sexo, alcançam indivíduos que já estejam conectados aos grupos criados para este fim, e/ou clientes assíduos que possam ver as publicações no *status* da garota.

São participantes dos grupos do *whatsapp* as trabalhadoras de sexo, seus clientes, os agentes ou cafetões. Nestes grupos há promoção de serviços como fotos eróticas, vídeos de insinuação sexual, vídeo chamadas (telessexo), e sexo presencial. Para fazer parte de tais grupos é feita a cobrança valores monetários.

Há pagamentos para entrar no grupo, e no grupo estão todos os clientes, eu cobro 200mt para te meter lá. Além de sexo, nos grupos vendemos vídeos e fotos eróticas. (Furacão 20 anos, 22/02/2024).

Quando questionamos as trabalhadoras de sexo os motivos da cobrança de valores para adicionar os clientes aos grupos, alegaram que deve-se a exposição de sua intimidade por meio de vídeos que podem compromete-las, além disso, vários clientes podem ter sua identidade exposta por fazer parte do grupo.

Meter no grupo é um compromisso. Lá estão muitos clientes, postamos coisas comprometedoras, mas o cliente sai a ganhar (...) então se está realmente interessado paga (Furacão 22 anos, 22/02/2024).

A cobrança de valores para que os clientes façam parte dos grupos pode ser entendida com a ideia segundo a qual, Cada indivíduo é responsável por valorizar seu “capital humano” (De Marchi, 2018, p. 197), ou seja, otimizar o conjunto de atributos que possui, sejam habilidades físicas, intelectuais ou emocionais, de modo que fomente o investimento alheio em sua marca pessoal.

Os grupos de *whatsapp* são gerenciados pelas garotas de programa de forma individual, mas maioritariamente, por um grupo de trabalhadoras de sexo, e seus agentes, que se unem, e formam comunidades virtuais. O maior objectivo destes actores, ao gerenciar os grupos de

forma conjunta, é de criar um intercâmbio e alargar o seu mercado, assim como maximizar os ganhos.

Criei minha página do facebook e comecei a trabalhar lá, depois criei grupos do Whatsapp onde todos os clientes assíduos estão. No grupo também tenho quatro meninas para casos de emergência, (Poderosa 24 anos. 17/01/2024).

A cooperação estabelecida nos grupos possibilita com que em caso de indisponibilidade, as trabalhadoras de sexo referenciem uma das suas colegas para prestar serviços em seu lugar. Nestas situações, o valor ganho é repartido entre as duas, mas a percentagem maior é atribuída a que tiver prestado serviços sexuais, conforme podemos constatar com a passagem a seguir:

Temos grupos do whatsapp, alguns são meus mas outros não, tenho cinquenta grupos e outros são de conhecidas, estamos lá e quem recomendar o cliente a outra para fazer programa em seu lugar por estar indisponível recebe uma percentagem do valor, por aí 15 a 30% dependendo do combinado, (Poderosa 24 anos, 17/01/2024).

Apesar da maioria das nossas interlocutoras gerenciar sua carreira de forma individual e contar com a ajuda de algumas colegas de profissão nos grupos do whatsapp, durante o diálogo, uma delas, fez menção à uma figura de agente que a ajuda a gerenciar sua carreira.

Por acaso eu tenho três agentes. Eles têm grupos e páginas deles, arranjam clientes para mim, negociamos e depois do programa eu dou a eles um valor de refresco 25 ou 30 por cento, esse valor de refresco é uma forma de nos ajudarmos, (Dona Tela 22 anos. 04/02/2024).

Para além da figura do agente, as interlocutoras indicam que, contam ainda, com o apoio de potenciais clientes e conhecidos que se envolvem na tramitação de serviços sexuais recomendando-as para indivíduos interessados, esperando certa recompensa.

Também, uns clientes meus seguranças do hotel x, quando há umas festas picantes de uma agência de modelos nesse hotel, me arranjam clientes e eu dou-lhe uma parte do valor. Esses clientes pagam por aí dez mil meticais, ou até pagam mais e em dólares, sai em conta. Depois eu dou trinta por cento do valor a aquele que me ajudou. Fico num quarto dentro do hotel e lá o cliente me encontra, mas por vezes quando estou com amigas nos dão bandejas e circulamos como se fossemos ajudantes do evento

enquanto os clientes já tem nossas características e fazem o nosso reconhecimento. (Poderosa 24 anos. 17/01/2024).

Ainda que não façam ponto em locais públicos como ruas, as nossas interlocutoras não dispensam clientes que lhes surgem por outras vias. Por indicação de seus associados, estas chegam a fazer ponto em espaços públicos como hotéis, para fins de reconhecimento por seus clientes, mesmo que seja em um curto período e de forma discreta.

Estudos como o de Toscanini (2018), demonstram que em plataformas como o *socinquenta e capitalsexy*, é paga uma taxa para criar um perfil, e o programa de sexo é, geralmente feito em locais previamente identificados pelos gerentes destes *sites*. O que não acontece com as usuárias do *facebook* e *whatsapp*, que não precisam investir valores monetários para a criação de páginas, ou grupos pelos quais adquirem clientes. Entretanto, o uso de conotação erótica por parte das participantes da pesquisa, de modo a atrair clientes, se assemelha a das usuárias dos aplicativos, *capitalsexy*, *grindr*, *tinder*, que perfazem a nossa revisão da literatura.

4.6. A relação comercial com seus clientes: Das modalidades de pagamento ao local de realização do programa

Em conformidade com as participantes, o fluxo de clientes varia em função dos dias. Nota-se mais procura de serviços sexuais aos finais de semana. A capacidade de resposta à demanda nos dias com maior fluxo de clientes varia em função da disponibilidade das mesmas, que estando bem-dispostas, e disponíveis, conseguem atender em média seis clientes.

Atendo quatro, cinco clientes diariamente. Mas depende dos dias, aos finais de semana como hoje que é sexta-feira por exemplo posso atender mesmo seis. (poderosa 24 anos, 17/01/2024).

Conseguir clientes não é difícil só que tem um horário certo, a noite, principalmente sexta e sábado até a madrugada. Por exemplo agora são 21 horas, posso conseguir 3, mas geralmente atendo uns cinco, seis. É cansativo, mas eu tenho uma meta diária, (Dona Tela, 22 anos, 04/02/2024).

Os custos das práticas sexuais não são uniformes e variam em função do tipo de serviços prestados, que envolvem, a venda de fotos erótica, venda de vídeos, realização de vídeo chamadas e por fim o acto sexual físico. O valor cobrado por estes serviços varia também de

trabalhadora de sexo, para trabalhadora de sexo, pois, cada uma delas define os preços de forma individual.

Eu cobro 300 Mt de transporte para me deslocar, mas caso a pessoa venha até mim, não precisa pagar o valor de transporte. Para a prática do sexo depende dos dias, mas cobro 1500 por hora e 3500 por noites. (Poderosa 24 anos, 17/01/2024).

Depende do serviço que o cliente pede, mas vídeo call são 110 Mt, sexo por hora 550mt, deslocamento depende do local, mas se for dentro da cidade 100 Mt. “Para te adicionar no grupo 85 Mt. (Furacão 22 anos, 22/02/2024).

O valor de transporte varia em função do local, fotos 200 Mt, sexo por hora 1000mt, por noite a gente vê. (Cindy 20 anos. 01/03/2024).

“Se o cliente quiser que eu vá até ele, o que geralmente acontece, cobro 210 Mt arredores de Maputo, sexo por hora 800 Mt, as vezes 700 Mt dependendo dos dias e da negociação com o cliente, já por noite cobro 1500 Mt, (Dona Tela 22 anos. 04/02/2024).

Diante do cenário em volta do trabalho de sexo pelo ciberespaço, Deu Match (2018, p.33), ilustra que “as redes sociais facilitam a vida dos clientes que procuram por sexo pago, uma vez que eles conseguem contratar virtualmente os serviços dessas pessoas. Pelo ambiente virtual, o cliente consegue combinar com a (o) acompanhante a remuneração, a forma de pagamento - que pode ser em muitos casos via cartão de crédito - e o local onde se dará o serviço, podem ainda analisar a “mercadoria” e comparar os serviços ofertados através da própria página, sendo que o valor cobrado pela hora do programa, se pauta em muitas ocasiões, pela fama e avaliação que os clientes lhes dão nesses fóruns virtuais, assim, quanto mais popular e desejada (o), mais alto o valor cobrado”.

Os locais de encontro e realização do programa de sexo, não têm sido constantes, e, são acordados entre as partes, já que as trabalhadoras de sexo alegam nem sempre ter um local fixo para a realização do programa. Então, o acto pode ocorrer na casa do cliente, ou, em um local previamente identificado pelas partes, que é o caso de algumas pensões.

Eu não tenho local, podemos ir a casa do cliente ou escolhemos outro lugar, (Furacão 22 anos, 22/02/2024).

Geralmente em casa dos clientes, os casados por vezes saem, e também pode ser em locais que eu conheço quando vem até mim, (Dona tela 22 anos, 04/02/2024).

As interlocutoras de pesquisa revelam estabelecer relações duradouras com seus clientes, de tal maneira que, mesmo os que as contratam pela primeira vez voltam a solicitar seus serviços, tornando-se clientes assíduos, e ainda, indicam-nas a seus conhecidos, que posteriormente as procuram.

Meus clientes se tornam fixos, já tenho outros a três anos, os trato bem, não falo de qualquer maneira, (...) até faço massagem para relaxarem. (Poderosa, 24 anos. 17/01/2024).

Apesar das interlocutoras alegarem estabelecer relações duradouras, com seus clientes, estas salientam que, há situações em que surgem conflitos, como, quando os clientes procuram obriga-las a envolver-se sexualmente sem o uso do preservativo; ou ainda, quando pedem que estas mandem vídeos com encenação sexual expondo seu rosto, ou partes que permitem que sejam identificadas publicamente. Como ilustram Silva e Carvalho (2017), “embora a era digital tenha trazido algumas vantagens para as pessoas envolvidas com a prostituição, também trouxe novos desafios e riscos. Por exemplo, as pessoas que vendem serviços sexuais *online* podem estar sujeitas a fraudes, assédio e violência devido à falta de regulação e segurança na internet”.

Há clientes com um comportamento não agradável é por onde nasce o barulho, pedem vídeos picantes mostrando o rosto, e outros até pioram quando chegamos no local onde vamos fazer o programa, querem sexo sem preservativo (...) dizem haaaaa porque não posso pagar muito pra depois você querer preservativo, quando eu nego de me relacionar sem preservativo e a pessoa insiste, e até promete pagar mais, aí seremos grandes inimigos. Infelizmente há meninas que aceitam, é triste. (Poderosa, 24 anos, 17/01/2024).

Considerando todos esses aspectos do trabalho de sexo, concordamos com Farinha e Bruns (2006, p.54), ao afirmarem que, “a relação entre a profissional do sexo e o cliente é marcada pela impessoalidade, pelo faz-de-conta. A garota vende ao seu freguês a ilusão de dominação e responsabiliza-se pela satisfação dele, assim, o que está à venda é de carácter profissional, no sentido da prestação de um serviço”. Neste contexto, consideramos que, o dinheiro constrói uma relação que envolve dois corpos e dois desejos distintos, caracterizando-se como uma relação profunda, mesmo que efêmera, marcada pela impessoalidade, mas não pela indiferença, pois, como afirmam os autores, o fato de a profissional do sexo

proporcionar prazer aos seus clientes, não significa que ela, necessariamente, goste de todos eles e faça tudo para satisfazê-los. Esta atitude nos sugere que nem tudo está à venda.

Os dados indicam que, o trabalho de sexo mediado pelo *facebook* e *whatsapp*, envolve a negociação de serviços ofertados de forma virtual e física, e que apesar de surgirem algumas situações conflituosas na interação entre os actores que o demandam, o bom tratamento, o desenvolvimento da confiabilidade do cliente, e a oferta de serviços diversificados, constituem elementos chave para o desenvolvimento de uma relação comercial duradoura.

4.7. Percepções e Significados em torno do uso de redes sociais para a promoção de serviços sexuais

As interlocutoras da pesquisa, vêem a internet enquanto um espaço liberal, que oferece maior grau de segurança e preservação da identidade. Esta percepção está relacionada a possibilidade de obter informações a respeito de seu cliente, antes da prestação dos serviços, o que reduz a incerteza e riscos associados ao trabalho de sexo em ruas.

No que concerne a este ponto, Santaella (2003), argumenta que fica claro, que a prostituição, encontrou nas novas mídias digitais mais um meio de promoção, trazendo para as trabalhadoras de sexo mais segurança e privacidade, ou pelo menos, a falsa impressão de estarem menos expostas ao perigo.

Fazendo essa actividade eu não sinto nada, aqui faço dinheiro, e preciso do dinheiro para fazer muita coisa. Mas por causa das pessoas que nos olham mal posto só o que atraí clientes, e edito minhas fotos. Do jeito que edito, não tem como a pessoa saber quem eu sou (...) gosto porque nas redes sociais é confiável, sabes onde encontrar a pessoa, desde que pesquise bem o perfil, você saberá o que a pessoa faz, porque uma vez teria de publicar algo. Já experimentei uma vez clientes em uma casa noturna, lá nem sabe de onde é, ele só vem e prontos, (Dona tela, 22 anos. 04/02.2024).

Sustentando o pensamento acima, em unanimidade, Feijó e Pereira (2014, p.43), salientam que, “a compreensão da prostituição como actividade profissional pela sociedade, ainda é complexa e estereotipada, apesar de em 2001, essa prática ter sido reconhecida pelo Ministério do Trabalho e Emprego (TEM). O trabalho de sexo é considerado vulnerável, devido à ausência de políticas públicas voltadas para a prática trabalhista, fazendo com que a informalidade seja uma via trabalhista, estando essas desprovidas quanto aos direitos trabalhistas e a seguridade social”.

Adicionalmente, importa salientar, que na visão das nossas interlocutoras, o espaço virtual as transmite certa “segurança”, pois elas têm a possibilidade de buscar informações em relação a seus clientes, passando a saber com que tipo de pessoas se envolve. Entretanto, têm consciência de que nem sempre se pode obter dados fiáveis a respeito dos indivíduos, e, podem ser reféns de indivíduos mal-intencionados. Tal como Costa (2015), e Toscanini (2018), avançam, “na Internet o comportamento pode não ser constante, os usuários têm a possibilidade de recriar manipular e apagar sua exposição não se tendo por isso a certeza de com quem se interage”.

Nas redes sociais é seguro, mas não é seguro: seguro porque você pode vasculhar o perfil da pessoa, lhe pesquisar e se encontram já sabendo quem é, mas a pessoa pode também, usar um perfil falso, e você pensar que é alguém enquanto é outra pessoa, ou então ser aquela pessoa mas com outras intenções. Por isso quando não é uma pessoa assídua se for para se encontrarem, você não pode se produzir muito, colocar perucas caras, vai só com o básico, sob o risco de voltar sem nada, (Furacão 22 anos, 22/02/2024).

As participantes, alegam ainda, que promovendo suas actividades no ciberespaço, sobretudo pelo *facebook*, enfrentam desafios decorrentes das políticas de privacidade. Pois, o *facebook* conta com políticas de privacidade que limitam a exposição de conteúdos considerados contra a decência pública, como a nudez. O que muitas das vezes culmina com o bloqueio temporário de suas contas e páginas neste aplicativo.

Sim eu não gosto das politicas, todos os dias me banem, tentei publicar algo me chamaram atenção, insisti e me baniram, enquanto meus clientes são atraídos por fotos picantes. (Poderosa 24 anos, 17/01/2024).

Indo por esta linha de raciocínio, Deu Match (2018, p.64), defende que, “aplicativos de paquera também são utilizados para o comércio de relações sexuais; mesmo que seus termos de uso sejam bastante claros sobre a proibição de tal prática, muitos usuários burlam as regras de forma disfarçada, e negociam programas através dessas plataformas, mas, as pessoas que procedem de forma indevida correm o risco de serem banidos de tais aplicativos”.

Quando questionadas como contornar as políticas de proibição de conteúdos inapropriados, as participantes da pesquisa revelaram optar pelo uso de fotografias menos indecentes, e o uso do *whatsapp* para seguir com a actividade:

Tento tirar fotos mais assim, simples, mas não consigo, posso achar a foto normal e eles não (Furacão 22 anos, 22/02/24).

Mesmo quando escrevo coisas picantes eles me banem, mas não tenho como, porque quando escrevo algo leve como “ disponível”, os clientes não gostam querem aquele lado ousado. Então eu não tenho outra conta no *facebook*, mas acabo sobrevivendo através dos grupos de *whatsapp* que são mais de cinquenta, e eu nas redes não estou pra teclar, gosto mesmo de fazer publicidade. (Poderosa 24 anos, 17/01/2024).

Procuramos ainda, captar a concepção que as nossas interlocutoras têm em relação ao trabalho de sexo, e como se sentem exercendo a actividade.

Estas deram- nos a entender que trabalho de sexo, seria oferecer serviços de sexo a um cliente em troca de dinheiro, E alegam sentir-se bem na actividade, pois, satisfazem seus desejos e fetiches sexuais, e ainda ganham dinheiro. Mas acrescentam que do ponto de vista moral, estar nesta actividade é errado de tal maneira que sentem certo remorso, de tal modo que não aconselhariam ninguém a entrar nesta actividade.

Eu em particular não aconselho ninguém a entrar neste mundo, por isso não costumo convidar pessoas inexperientes porque me sinto a carregar um pecado grande, prefiro trabalhar junto de pessoas que já estão lá, ou gostem de fazer sexo e dinheiro, tenho remorso (...) eu me sinto bem com o que faço porque gosto e ainda ganho dinheiro, mas sei que é errado, por isso não levaria pessoas inocentes a fazer coisas erradas, por isso não aconselharia ninguém a entrar, aqui nos expomos a riscos, risco de te exporem, e também podem agredir-te e passar doenças se aceites não usar preservativo. (poderosa 24 anos, 17/01/2024).

Compreendemos, que apesar da ideia de que as redes sociais são um espaço livre de actuação, que mantém as participantes livres da exposição pública, as talhadoras de sexo têm ciência de que o ciberespaço possui suas fragilidades, e exercendo o trabalho de sexo estão imersas a desafios e riscos cibernéticos.

4.8. Gestão da identidade das trabalhadoras de sexo: A prostituição virtual encoberta em actividades comumente aceites

Diante do estigma social em torno do trabalho de sexo, as interlocutoras encobrem suas práticas sexuais por detrás de outras actividades económicas socialmente aceites, como a venda de roupas, iogurtes, e o trabalho em centros comerciais (restaurantes e bares). Esta estratégia de encobrimento, visa legitimar seus ganhos financeiros, e suas saídas para atender seus clientes, escapando a críticas sociais, e sobre tudo, ao olhar repugnante da família.

Na minha casa pensam que estou com minhas amigas, ou sei lá a me divertir, desde que eu diga que vou sair, (Cynde 20 anos, 01/03/2024).

Minha família sabe que vendo roupas, até vêem quando publico as minhas entregas (...), faço tudo longe e termina lá, minhas amigas sabem que quando vem aqui em casa não podem falar disso. A noite saio enquanto meus irmãos pensam que estou a dormir ou sai com amigas. (Poderosa, 24 anos, 17/01/2024).

Diante da gestão da identidade das trabalhadoras de sexo, Russo (2007, p.54), chama-nos a razão, ao aludir que, “para entender as identidades assumidas pela prostituta, é preciso considerar as suas relações com outras esferas sociais, como a família, a igreja e o estado, pois é notório a omissão dessa identidade devido a padrões discriminatórios e excludentes”.

Ademais, no desenrolar das entrevistas constatamos, que há duas categorias de mulheres que promovem serviços sexuais em redes sociais: as solteiras e as casadas. E essas duas categorias de mulheres, encobrem (mascaram) sua identidade de trabalhadora de sexo. Entretanto, parece-nos que as solteiras têm menos trabalho em mascarar sua identidade, contrariamente as mulheres casadas que arranjam justificativas mais radicais para justificar sua renda mensal, e suas saídas.

Eu tive de dizer ao meu marido que arrumei trabalho no local x, na liberdade, e mesmo quando não estou em casa ele pensa que estou lá, por isso que até a comida que eu faço com o dinheiro de sexo ele come sem problemas. Mesmo que ele me procure nesse local, até pode encontrar-me, já que alguns dos meus clientes atendo lá e tenho tudo coordenado, um acordo com o proprietário do local. (Dona Tela, 22 anos, 04/02/2024).

Conforme o posicionamento ilustra, com vista a permanecer na actividade e conjugar a sua identidade de trabalhadora de sexo com a sua situação conjugal, a interlocutora teve de levar

o seu parceiro a acreditar que ela trabalha em um restaurante e bar, cujas actividades são realizadas em turnos, chegando a estabelecer um acordo com o proprietário do estabelecimento em causa.

A partir da fenomenologia de Schutz (1979), Os dados permitem avançar, que a interacção com os outros (vivência), serve como lente a partir da qual as nossas interlocutoras significam o mundo e orientam suas acções, de tal maneira que tanto as mulheres solteiras como as casadas por perceberem que as trabalhadoras de sexo são socialmente rotuladas e marginalizadas, ocultam o facto de estarem envolvidas na venda de serviços sexuais.

4.9. Sobre as estratégias de estabelecimento e gestão da confiança alicerçadas as experiências vividas e vivenciadas.

A confiança surge como um elemento imprescindível á interacção, e sobretudo, á realização de empreendimentos. Em um contexto de interacção *online*, marcado pela ausência física, pela incerteza e desconfiança quanto as intenções dos envolvidos; a construção da confiança é um desafio particular para as trabalhadoras de sexo na interacção com seus clientes. Nesta secção, propomo-nos a analisar as estratégias empregues pelas participantes da pesquisa, para estabelecer e gerir relações de confiança, com seus clientes.

Os dados indicam que, as trabalhadoras de sexo desenvolvem, tanto, estratégias para conquistar a confiança dos clientes, quanto mecanismos de protecção, para avaliar a credibilidade e intenções desses indivíduos, bem como mecanismos de segurança para se proteger de certos riscos que cercam o trabalho de sexo.

4.9.1. Estratégias empregues pelas trabalhadoras de sexo para conquistarem a confiança de seus clientes

As trabalhadoras de sexo, empregam diversas estratégias para estabelecer confiança com seus clientes. A autopromoção de sua imagem, o dialogo aberto, e as vídeo chamadas, são ferramentas importantes neste processo. A confiança é estabelecida com mais facilidade, quando há indicação de clientes anteriores, pois as informações e experiências compartilhadas por estes clientes, exercem um papel fundamental na decisão do novo cliente. Conforme Schutz (1979), defende, os indivíduos referenciam e significam o mundo a partir das experiências captadas na interacção com os outros. Assim, quando recomendados os serviços das trabalhadoras de sexo, os clientes tomam por base a experiência do outro, acreditando que a transacção dará certo com eles também.

No entanto, quando o contacto inicial ocorre por meio de redes sociais, e sem referenciamento, sobretudo, em um contexto de censura de imagens e cobrança por serviços adicionais, a construção da confiança se torna mais desafiadora. Neste caso, as trabalhadoras de sexo precisam demonstrar a seus clientes, a autenticidade de sua identidade e seriedade com que tratam o trabalho.

99% Duvida que o post é realmente meu e que sou séria, por isso para deixar eles mais seguros faço uma videochamada grátis a mostrar meu corpo, conversamos um pouco aí a pessoa vê que realmente existo e já fica um pouco seguro (Poderosa 24 anos, 17/01/2024).

É notório, que os clientes demonstram relutância em tramitar serviços sexuais com alguém de quem não tenham informações, conforme Luhmann (1979), defende, confiança se resume em “informação”, em que busca-se dado tidos como importantes a respeito dos sujeitos, lhes conferindo sentido. Deste modo, durante a realização da videochamada, os clientes vão adquirindo informações tidas como relevantes para estabelecer certa confiança com a trabalhadora de sexo.

As interlocutoras revelaram ainda, haver situações nas quais precisem deslocar-se para encontrar seus clientes, o que leva-as a solicitar um subsídio de deslocação, compreendido entre os 210mt aos 310 ou até 500 Mt, dependendo da distância a percorrer. Entretanto, os clientes demonstram relutância em enviar o valor por temer cair em burla.

Isto é questão de marketing, estás a ver uma nova empresa, por exemplo de água, ninguém conhece a tua água, então deves procurar atrair a confiança convencer ao máximo e se esforçar para ir até ele, e só lá te reembolsa o valor (...) tudo pode acontecer mas se queres vender teus serviços tens que ariscar (Dona Tela, 22 anos, 04/02/2024).

O depoimento acima, revela que as trabalhadoras de sexo, têm ciência da necessidade de se conquistar a confiança de seus clientes, de tal maneira que, acabam propondo o uso de seus próprios recursos para se deslocar. Embora entendam que se predispondo a usar seus recursos, correm o risco de não terem o seu valor reposto. Contudo, estas tomam por referência situações passadas, em que tiveram o mesmo posicionamento, e conseguiram eliminar a desconfiança por parte do cliente. Assim, “Por meio da consciência reflexiva, as vivências passadas são tornadas significativas”, Schutz (1979). Isto revela que, as estratégias empregues para atrair a confiança do cliente são produto de um cálculo consciente, que se fundamenta em estoques de conhecimentos que as trabalhadoras de sexo adquirem no dia-a-

dia em redes sociais, levando-as a prever as reacções de seus clientes, diante da forma como elas se apresentam. Confira o depoimento a seguir:

Eu acho que o medo dos homens é mandar dinheiro de chapa para burladores e esses da cadeia, mas depois de ultrapassar esse medo eles mandam. Caso contrários, dizem usa teu e eu venho dar te aqui. Então, quando não é um lugar muito distante eu uso o meu valor, e o resto ele me da lá. Mas em algumas situações quando me predisponho a usar meu valor, o cliente acaba percebendo que sou profissional e diz epahh deixa te mandar o valor, vou arriscar e confiar em ti, (Dona Tela, 22 anos, 04/02/2024).

Estando cientes de casos de burla, e da possibilidade de ser vítima de crimes cibernéticos, os clientes deixam-se guiar pela desconfiança. Por sua vez, as trabalhadoras de sexo procura limar a desconfiança e incertezas por parte dos mesmos. Assim, a partir do momento em que o cliente percebe que a trabalhadora de sexo aparentemente não agirá de má-fé, simplifica-se a interacção, reduzindo-se a complexidade que cerca a interacção.

Com o estudo de Toscanini (2018), constatamos, que aplicativos como o *capitalsexy*, e o *socinquenta*, contam com um espaço para classificar os serviços das trabalhadoras de sexo, assim, os clientes se baseiam nos comentários feitos nas publicações da garota de programa para definir sua conduta, confiabilidade e qualidade dos serviços. Neste contexto, os clientes das usuárias do *capitalsexy* significam as experiências dos outros, conferindo lhes validade ou não; o que não ocorre com os clientes das interlocutoras da presente pesquisa, sobretudo no *facebook*. Os comentários tecidos nas publicações das participantes, não têm muito impacto sobre seu trabalho, pois, geralmente, quem quer seus serviços as aborda em privado.

(...) A pessoa vem no pvt e se acerta tudo lá, geralmente as pessoas que ficam a comentar no facebook não contam, esses não querem nada e nem conhecem os serviços, quem realmente quer vem ao privado e muitas das vezes nem fica ali nos comentários porque não querem se expor. (poderosa 24 anos, 17/01/2024.)

Entendemos ainda, que não se pode descurar da ideia de que nem toda a confiança é baseada na racionalidade, o que foi perceptível a partir do diálogo com as nossas interlocutoras, que deram-nos a entender, que em algumas circunstâncias o cliente age de forma emotiva e não busca por informações a respeito da pessoa com que deseja transaccionar.

Acredite, existem muitos homens desesperados que quando estão aflitos nem procuram saber se podem ou não confiar na pessoa, e mesmo que sejam quatro horas

quando está naquele momento logo manda o valor que cobramos para transporte sem te conhecer, e acha que você pode sair por exemplo de Socimol a Mavalane a essa hora, (Dona Tela 22 anos, 04/02/2024).

Compreendemos que a ideia de se tratar “realmente” de uma trabalhadora de sexo, e que sobretudo agirá com honestidade, pressupõe uma acção baseada na fé, conforme Giddens (1991), defende, a confiança implica uma mutualidade de experiências, mas se desenvolve na fé na probidade da pessoa humana. Nesta ordem de ideias, o cliente deixa-se guiar pela crença de que suas expectativas serão correspondidas, sem analisar de forma minuciosa a situação.

4.9.2. As estratégias de gestão da confiabilidade dos clientes e a adoção de mecanismos de segurança

Nesta subsecção, apresentamos de forma breve, como as participantes da pesquisa avaliam a confiabilidade dos clientes, e, as medidas de segurança, que adoptam, para lidar com as imprevisibilidades e riscos inerentes ao trabalho de sexo.

Embora a confiança seja frequentemente associada a relações próximas e familiares, conforme sugere, Luhmann (1997), as participantes da pesquisa, optam em transaccionar com pessoas desconhecidas, para preservar sua privacidade, e por temerem julgamentos por parte de seus conhecidos, que, segundo elas, podem revelar sua identidade em público. Conforme ilustra o depoimento a seguir:

A minha primeira experiência não foi boa, porque eu era inexperiente e encontrei alguém que conhecia muito bem, e começou a me dar conselhos eu não estava confiante, ahhh porque eu devia sair desse mundo e muitas coisas, mas me prometeu não dizer nada, então, comecei a gostar quanto mais a pessoa distante é. (Dona Tela 22 anos, 04/02/2024).

As interlocutoras da pesquisa revelaram ainda, ter ciência de que não basta conquistar a confiança dos clientes, elas devem estar cientes de com quem irão transaccionar. Nesta ordem de ideias, buscam obter algumas informações a respeito dos clientes, por meio dos perfis, com conhecidos, ou durante o diálogo. O que faz com que evitem dialogar com indivíduos que não as permitam ter informações a seu respeito, sobretudo os que as contactam por meio do *facebook*.

Na verdade eu confio, quando vejo que é uma pessoa apresentável, estável, isso investigo através do perfil e tudo mais... porque a pessoa alguma coisa deve postar, pode ser seu trabalho aí você sabe que, ou é carpinteiro, mas algo a pessoa posta, assim no *facebook* não interajo com pessoas sem foto de perfil, ou com informações estranhas e perfil novo. ” (Dona Tela, 22 anos, 04/02/2024).

Não trato pessoas sem perfil, porque eu vasculho bem o perfil, mas também faço algumas perguntas ao cliente, e no caso de fotos antigas, peço que me mande foto, pode ser visualização única (...) por vezes também pergunto minhas colegas se conhecem o cliente. (Cindy, 20 anos 01/03/2024).

É notório, que as participantes da pesquisa, compartilham da ideia de buscar por informações a respeito do cliente por meio do perfil, entretanto, demonstram ciência de que avaliar seus clientes por meio das informações obtidas por esta via, não lhes garante total segurança. Entretanto, prestar serviços aos mesmos, é uma escolha racional, que envolve a aceitação de riscos em volta de seu trabalho.

Eu vasculho bem o perfil, mas na verdade quem não arisca não petisca é só arriscar, porque há também pessoas que criam perfil falso, e também é tudo verbal. (poderosa 24 anos, 17/01/2024).

Para além da análise minuciosa do perfil, em situações nas quais interagem com um cliente pela primeira vez, durante a realização de videochamadas, as participantes, optam em cobrir o rosto. Esta medida é empregue por temem, que a identidade social seja revelada, já que, vivenciaram situações, nas quais indivíduos se expropriavam do seu trabalho.

Eu só posto meu corpo, porque mesmo assim há pessoas que usam minhas fotos pra criar perfil falso ou para fazer marketing, já imagina se na videochamada mostro o rosto, ou se eu postasse foto completa com rosto? Ai todos, iam- me reconhecer e não faz sentido, ia- me expor como se fosse na rua, (poderosa 24 anos, 17/01/2024).

Outrossim, após o diálogo, em situações nas quais precisem prestar serviços presenciais, as participantes tomam algumas medidas de segurança, com o intuito de obter o controle de seu ambiente de trabalho. Como podemos ver a seguir:

Quando te encontras com o cliente pela primeira vez, mesmo depois de vasculhar o perfil, pior se forem esses jovens, se tiver de ir ao encontro dele você tem que ser

esperta. A pessoa te pergunta como está vestida, de repente podes ser assaltada. Então eu a princípio te digo que estou no lugar x e trajada de um jeito enquanto não, eu devo- te ver primeiro, ou se estiveres de carro eu tenho que identificar teu carro primeiro, para eu saber me posicionar. (Dona Tela 22 anos, 04/02/2024).

Quanto aos serviços oferecidos presencialmente, as interlocutoras alegam ainda, optar por pagamentos em numerário em detrimento do uso de cheques e carteira móvel como o mpesa, isto por conta de experiências negativas que vivenciaram. Veja o depoimento a seguir:

Dinheiro de chapa emola, mas de sexo prefiro em mão, porque já me deram um cheque falso, e também minhas amigas já tiveram o caso da pessoa transferir por mpesa depois do acto, e de seguida pedir reversão do valor. (Dona tela, 22 anos, 04/02/2024).

Combinamos tudo nas redes, telefonicamente, mas o valor o sexo, se não forem clientes da casa que trabalham comigo á muito tempo, eu prefiro em mão, já me deram cheque avulso, e a pessoa até colocou um valor elevado lá, fiquei feliz mas quando chego no banco até tiveram pena de mim e me rira, (poderosa 24 anos, 17/01/2024).

Os depoimentos evidenciam, que as trabalhadoras de sexo definem sua linhagem de acções a partir de experiências passadas, e estoques de conhecimentos adquiridos em sua trajectória em redes sociais. Em conformidade com Schutz (1979), “a experiencia imediata da vida do sujeito, vai moldando sua percepção do mundo, e sua acção”.

Esta secção, revela que as estratégias, empregues pelas trabalhadoras de sexo de modo a estabelecer e gerir confiança, na construção de relações comerciais com seus clientes, são fundamentadas em, experiências vividas e vivenciadas no quotidiano. A confiança que se estabelece entre as partes, surge ainda, como redutora de incertezas que cercam o relacionamento comercial mediado por meio de redes sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo buscou captar as trajetórias, práticas e estratégias que as trabalhadoras de sexo que promovem serviços por meio de redes sociais, adoptam de modo a estabelecer e gerir confiança, na construção de relações comerciais com seus potenciais clientes. A partir da pesquisa, construímos o argumento segundo o qual, as usuárias de redes sociais para a venda de serviços sexuais, adoptam estratégias fundamentadas em experiências quotidianas. Tais estratégias, permitem estabelecer e gerir confiança com os clientes, reduzindo a complexidade e insegurança inerente ao ciberespaço.

Os resultados obtidos apontam que a confiança desenvolvida entre a trabalhadora de sexo e seus clientes, é produto de cálculo consciente, este cálculo, tem por base as informações disponíveis a respeito da pessoa com que se deseja transaccionar, e as reservas de conhecimento adquiridas na vivência, permitindo avaliar a confiabilidade de outrem, e definir a linhagem de acções a seguir.

Como forma de despertar a confiança por parte de seus clientes, as participantes da pesquisa, recorrem a autopromoção de sua imagem, fornecendo informações relevantes a respeito de sua identidade e serviços. Recorrem ainda, ao diálogo aberto, e vídeo chamadas em tempo real pelo *whatsapp*, de modo a provar a autenticidade de sua identidade.

A preferência por redes sociais para promover serviços sexuais, relaciona-se, com a preservação da identidade, possibilitando o não reconhecimento por parte de indivíduos que não possam estar a par das actividades sexuais das participantes da pesquisa. Assim, o *facebook* e *whatsapp* tornam-se ferramentas discretas, para que as jovens da cidade de Maputo e Matola, promovam serviços sexuais, livres de exposição pública.

As participantes da pesquisa são raparigas provenientes de diversas classes sociais, cujas trajetórias como trabalhadoras de sexo em redes sociais, foi traçada subjectivamente, não obedecendo um marco linear. Entretanto, aferiu-se, que o gosto pela prática sexual; a busca por fantasias sexuais, e as necessidades económicas e autonomia financeira, foram os principais motivadores da actividade.

Com vista a escapar de ciladas de indivíduos mal-intencionados, as trabalhadoras de sexo adoptam medidas como, a verificação do perfil dos clientes; a busca por informações adicionais a respeito dos clientes; e evitam pagamentos por meio de cheques.

As participantes da pesquisa manipulam sua identidade de trabalhadora de sexo, diferenciando-se de sua identidade social, por estarem cientes de que o trabalho de sexo é marginalizado pela sociedade. O que as leva, não só a censurar suas imagens, mas também, a encobrir suas práticas em actividades socialmente aceites.

Por fim, consideramos que a presente pesquisa não abrangeu todas as perspectivas de análise sobre o uso das redes sociais para a promoção de serviços sexuais em Maputo, e em Moçambique de um modo geral. Entretanto, os dados aqui apresentados, abrem espaço para que novos horizontes em torno do fenómeno sejam explorados na sociedade moçambicana, inspirando pesquisadores em estudos futuros. Para pesquisas futuras, sugere-se que se investigue a fundo: o envolvimento de menores de idade na negociação de serviços sexuais pelas redes sociais; as estratégias empregues pelas trabalhadoras de sexo para fazer face a não clientes em redes sociais, e, o envolvimento de mulheres casadas no trabalho de sexo, em redes sociais, “a gestão da sua identidade”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aids Fonds. (2016). *Trabalho de sexo e violência em Moçambique. Relatório de Avaliação de Necessidades.*
- Andrade, I. Franco, L. Naretto, N. (2017). *Relações comerciais e económicas entre Brasil e EUA, nos anos 2000.*
- Areosa, João. (2018). *VI Congresso Português de Sociologia. Mundos Sociais, Saberes e Práticas.*
- Arranha, F. Ferreira, T. Matos, C. (2014). *Entre o real e o Virtual: Práticas culturais de Prostitutas.*
- Azevedo Edmilson. (2011). *O mundo da vida e a acção em Alfred Schutz.* Revista int de Filosofia.vol2.
- Barbosa Cláudia, e Bussolo Karla. (2016). *Um Estudo Sobre a prostituição.*
- Bardin. L. (1977). *Análise de conteúdo* (L. A. RETO e A. Pinheiro, trans). Edições 70.
- Brasil, Danielle, Marinho, N. (n.d). *A prostituição como um fenómeno social, e Sua Regulamentação Jurídica.*
- Bauman, Zygmunt. (2008). *Vida Para Consumo: A Transformação das Pessoas em Mercadoria.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Capaina Tubias. (2023). *A prostituição, sociabilidade e estratégias de sobrevivência: Uma resposta aos efeitos da globalização na capital moçambicana.*
- Castro, Fábio. (2012). *A Sociologia Fenomenológica de Alfred Schutz.*
- Costa. Barbosa Isabele. (2015). *A sexualidade Feminina nas Redes Sociais: Uma Analise da Espetacularização Sexual no Facebook.*
- Costa, Borges. Laureano, A. Vanini, V. (2018). *A prostituição na História.*
- Costa, R. Jucá, P. Meira, S. (2014). *Redes sociais.*

Dell-Masso, Cotta, M. Santos M (n.d). *Ética Em Pesquisa Científica: Conceitos e Finalidades*.

De Marchi, Leonardo.(2018). *Como os algoritmos do YouTube calculam valor? Matrizes*. Universidade de São Paulo, Agencia USP de Gestão da Informação Acadêmica.

Deu Match. (2018). *Apesar de proibida, prostituição é realidade em aplicativos de paquera*. Disponível em: <<https://deumatch.blogosfera.uol.com.br/2018/04/30/apesar-de-proibida-prostituicao-e-realidade-em-aplicativos-de-paquera/>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

Freitas, Daniela. OLIVEIRA, M. (2022). *Uso das tecnologias digitais, para relacionamentos sexuais durante a pandemia da covid 19*. Programa de iniciação científica.

Farinha, M. G., e Bruns, M. A. (2006). *Adolescentes profissionais do sexo*. Campinas SP: Átomo.

Feijó Mev, & Pereira J. (2014). *Prostituição E Preconceito: uma análise do projecto de lei gabriela leite e a violação da dignidade da pessoa humana*. Caderno de Graduação-Ciências Humanas e Sociais: Unit Internet.

França, G.V. (1994). *Prostituição: um enfoque político social*. Femina, Rio de Janeiro.

Fonseca, João. J. (2002). *Metodologia da pesquisa científica*. UEC. Universidade Estadual do Ceará. Centro de Educação.

Giddens Anthony (1990). *As Consequências da Modernidade*.

Guba, E. e Lincoln, Y. (1994). *Competing paradigms in qualitative research. Handbook of qualitative research*. London: Sage Publications.

Guimarães, Aquiles. (2012). *Conceito de Mundo da Vida*. Filosofia. UFRJ.

Hueck, Karin. (2018). *Prostituição na era da tecnologia*. Revista Super Interessante. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/comportamento/prostituicao-na-era-da-tecnologia/>>. Acesso em: 16 nov. 2018.

Gonçalves, Albertino. (2004). *Métodos e Técnicas de investigação Social: Programa, conteúdo e Metodologia de Ensino Técnico e prático*.

- Jalava, Jane. (2006). *The Problems and Functions of Trust in Luhmann System Theory*. University of Helsinki, Faculty of Social Science.
- Jesus, José. (2021). *Entre ruas e redes: transformação e significados da prostituição masculina em Aracaju*. Mestrado em antropologia. Universidade federal de Sergipe.
- Jodelet, D. (2001). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: Eduerj.
- Ketzer, Patrícia. (2016). *A irredutibilidade do conceito de confiança na epistemologia do testemunho*.
- Lakatos M e Markoni, A. (2001). *Metodologia do Trabalho científico (6 ed)*. São Paulo, Atlas editora.
- Lima, Marques. CRUZ.R. (2018). *Ensino de Sociologia. Trajectórias da disciplina na educação básica*.
- Lorenzi, Gláucia. (2019). *Prostituição virtual. O impacto das novas tecnologias na profissão mais antiga do mundo*. Revista contribuições em Las ciências Sociales.
- Lucena, João. P. (2015). *Ensaio Sobre a prostituição: Uma leitura do serviço social, referente a história desta actividade económica e a sua legalização*.in: Serviço Social e Realidade. França, v.24,n1.
- Luhmann, Niklass. (1997). *Trust and power*. Chichester, wiley.
- Luhmann, Niklass (2005). *Sociologia como teoria dos sistemas sociais*. In Santos José Manuel. (org). o pensamento de Niklass Luhmann.
- Machado, Bárbara, B.(2021). *O trabalho sexual online com recurso a plataformas de distribuição de conteúdo: um estado exploratório*. Universidade do porto. Faculdade de psicologia e ciências de educação.
- Madeiros, W. Neto, F. Silva, A (2023). *Prostituição virtual como uma Nova forma de trabalho sexual*.
- Maguesse, Humberto B. (2020). *Prostituição na Baixa da Cidade de Maputo e Arredores tanto de dia como de noite: uma análise comparativa da sua prática*. Monografia

apresentada para obtenção de grau de Licenciatura em Antropologia. Universidade Eduardo Mondlane.

Manzini, E. J. (1990). *A Entrevista Na Pesquisa Social*. Didáctica. São Paulo, v. 26/27.

Muianga, Baltazar (2009). *Risco e Saúde no Contexto do VIH/SIDA. O caso da Prostituição na baixa da Cidade de Maputo*. Dissertação apresentada ao Instituto Superior de Ciências de Trabalho e Empresa.

Muchanga, José. (2022). *“Suburbanas, Irreverentes e Mana-Moças”: Uma pesquisa sociológica sobre a Prostituição Feminina de Rua Em um bairro da elite Moçambicana, na Cidade de Maputo*. Dissertação apresentada á Universidade federal de são Carlos.

Montagner, Miguel. (2007). *Trajectórias e Biografias: uma análise Bourdieusiana*. Porto alegre.

Mota, Rodrigues. (2016). *Confiança e Complexidade Social em Niklass Luhmann*.

Neto, Oreste. (2017). *Métodos e técnicas de pesquisa*. Chapecó.

Neto, Rodolf. D. (2014). *PRIMUM NON NOCERE. Uma Discussão Sobre O Principio Da Não Maleficência No Principalismo*. UFSC, Florianópolis.

Pérez, Julieth. V. (2019). *Processo de Resiliência na Trabalhadora de Sexo: Um Estudo Com Mulheres assistidas pela Associação Moçambicana Para o Desenvolvimento da Família*. Dissertação em Psicologia. Universidade Eduardo Mondlane.

Pereira, Patrícia. S.A. *A História da Prostituição Com o desenvolvimento da cidade*.

Pereira, Patrícia. (2009b). *As prostitutas na História, de deusas a escória da humanidade*. In: Revista Leituras da História.

Perreira, Laura. (2017). *Prostituição*. Um trabalho de reflexão.

Pupo, Michelle de Paula. (2017). *Sexualidades Periféricas: A Constituição das Identidades Femininas em Espaços Virtuais de Prostituição*. Prelúdios, Salvador.

Richardson, R.J. (2008). *Pesquisa social. Métodos e Técnicas*. São Paulo, 3 ed. Atlas Editora.

Russo, G. (2007). *No labirinto da prostituição: o dinheiro e seus aspectos simbólicos*. Cad. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792007000300009&lng=en&nrm=isso.

Santaella, L. (2003). *Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano*. Revista Famecos. Porto Alegre, nº 22 dezembro 2003, quadrimestral.

Schutz, A. (1979). *Fenomenologia e Relações Sociais*. Zahar Editores.

Severino, António. (2007). *Metodologia do trabalho científico*. 23ed. São Paulo, Cortez editora.

Silva A. & Carvalho J. (2017). *Prostituição é profissão: motivos para legalizar*. Revista Electrónica de Ciências Jurídica

Silva. Oliveira, C. (2017). *Método Científico: O Conhecimento Como uma Unidade em que Todos os Saberes estão Conectados*.

Soares, Marcelo. (2022). *Prazeres digitais, uma breve Introdução a plataformização do trabalho sexual*. UFF/R.

Sousa Eugenia. (2003). *Vestir Na Idade Média*.

Toscanini Lucca. (2018). *Prostituição no Mundo Líquido: Por Uma Análise dos Modelos da Prostituição e das relações afectivas e Sexuais na Actualidade*. Monografia apresentada como requisito para obtenção do título de graduação em sociologia. Universidade de Brasília.

Velloso, Ricardo. (2008). *O Ciberespaço como agora electrónica na sociedade contemporânea*.

Vieira patricio. (2016). *Grindr, A tecnologia a serviço da prostituição masculina no seminário nordestino*. Instituto federal de Alagoas.

Velho, Ana. (201). *Sobre o Conceito de Redes Sociais, e seus Pesquisadores*.

Vinuto, Juliana. (2014). *Amostragem por bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate aberto*. Temáticas, campinas.

Apêndices

I. Instrumentos de colecta de dados

I.I. Legitimação da entrevista e motivação da/s entrevistada/s.

*Apresentação do pesquisador, dos objectivos da pesquisa, e solicitação da colaboração das entrevistadas.

*Garantir a confidencialidade dos dados e a preservação de suas identidades.

*Solicitar a autorização da gravação da entrevista por meio de áudios.

1. Termo de consentimento informado.

Saudações!

Meu nome é Márcia Vanessa Macatane, estudante de sociologia pela Universidade Eduardo Mondlane, em fase de elaboração do trabalho de conclusão do curso, e pretendo realizar uma pesquisa com o tema, **Prefiro as redes nas ruas todo mundo te vê**: Trajectórias, práticas e estratégias de estabelecimento e gestão de confiança, adoptadas pelas usuárias de redes sociais para a venda de serviços sexuais, em Maputo. Com a pesquisa, busco compreender o mundo da vida das trabalhadoras de sexo que promovem seus trabalhos e obtém clientes em redes sociais, e as estratégias de confiança adoptadas de modo a efectivar o programa de sexo. Gostaria que me ajudasse a realizar a pesquisa, fazendo parte da mesma como minha entrevistada, e que partilhasse comigo um pouco da sua experiencia como trabalhadora de sexo em redes sociais. Caso concorde em participar da pesquisa, poderá responder a algumas perguntas, e trocar algumas ideias comigo. Em caso de dúvidas, ou inquietação de sua parte, sinta-se a vontade em expor. Se em algum momento não se sentir segura ou quiser parar com a entrevista, bem como mudar de assunto pode pronunciar-se e a tua decisão será respeitada, pois em nenhum momento pretendo a deixar desconfortável.

Tomarei o cuidado de manter tua identidade em anonimato, o teu nome não será citado em meu estudo, e escolherei um nome fictício para dirigir-me a ti. Me comprometo a usar as informações que me fornecer durante a entrevista apenas para a realização do estudo, e em nenhum momento partilharei as informações com terceiros de modo a prejudicar ou te expor. A entrevista será dirigida com respeito. Permita-me gravar a conversa, por favor! Acredito que a nossa conversa será um pouco longa, e para não perder algumas informações

importantes, permita-me fazer gravações de áudios pois, não será fácil anotar tudo por escrito. Me comprometo a não partilhar o áudio, e usar só para fins da pesquisa.

3. Guião de entrevista

I. Perfil Sociodemográfico.

1. Qual é sua idade?
2. Qual é o local de residência?
3. Qual é o seu nível de escolaridade?
4. Qual é sua raça?
5. Estado civil?
6. Com quem reside?
7. Religião
8. Qual é a sua ocupação?

II. Trajectórias.

9. Pode falar-me um pouco mais de si? Como, quando e há quanto tempo você iniciou este trabalho?
10. Fale me qual foi o seu percurso até hoje, e o que te levou a fazer este trabalho (se foi ou na sua opção).
11. Pode explicar me como entrou para a venda de sexo por meio de redes sociais? Como percebeu que podia usar essas redes para encontrar clientes?

III. Motivações e significados.

12. Fale me Como é fazer este trabalho, e como se sente trabalhando com a venda de sexo.
13. Porquê usar o facebook e whatsapp para atrair e negociar com os seus clientes?
14. Como olhas para o uso do facebook e whatsapp para publicar o seu trabalho?

IV. Mundo de Vida.

15. Conta-me como faz a publicação do teu trabalho no facebook e whatsapp
16. Fale me um pouco, como tem sido a busca por clientes nestas redes?
17. Como foi tua primeira experiência usando o facebook e whatsapp?

18. Quem são as pessoas que mais procuram pelos seus serviços? Pode, me falar um pouco como elas são?
19. Trabalha por meio dessas rede sozinha ou conta com a ajuda de mais alguém? Fale me como isso funciona.
20. Para além do facebook e whatsapp usas outras redes sociais para encontrar clientes?
21. Tem encontrado clientes apenas nas redes, ou tem outras vias pelas quais encontra clientes.

V. Relacionamento comercial e gestão de confiança.

22. Será que negociar serviços sexuais nas redes é completamente seguro? Explica-me Como é feita a negociação do programa com o cliente?
23. Das pessoas que te abordam, fale sobre como identificar um cliente que queira verdadeiramente solicitar seus serviços e se há uma certa preferência por esses clientes.
24. Será que negociar serviços sexuais nas redes é completamente seguro? Explica-me Como é feita a negociação do programa com o cliente?
25. Fale me dos desafios que enfrenta ao trabalhar por meio do Facebook e whatsapp.
26. Como saber se a pessoa que te contacta é realmente um cliente sério e bem-intencionado? Fale Que elementos te fazem desenvolver confiança em seu cliente e estar segura
27. Como o cliente terá a certeza de que realmente é uma garota de programa séria?
28. Fale Quais são as estratégias para motivar o cliente, e estimular a confiança dele caso tenha duvidas e esteja inseguro.
29. Fale Como tem feito para garantir que o cliente que te contacta pela primeira vez pague por teus serviços?
30. Fale me um pouco sobre os clientes que atende por dia Quantos são e como tem gerido?
31. Fale sobre os serviços que fornece aos clientes.
32. Quais tem sido os pedidos e preferências dos clientes
33. Onde têm sido os encontros e a realização do programa?

- 34. Qual é a duração do programa e que preço cobra?
- 35. Fale me sobre os métodos de pagamento
- 36. Tem tido clientes fixos?
- 37. Gostaria de acrescentar algo a nossa conversa?